



## *Personagens*

REI HENRIQUE VI.

DUQUE DE GLOSTER, tio e protetor do rei.

DUQUE DE BEDFORD, tio do rei, regente da França.

TOMÁS BEAUFORT, Duque de Exeter, tio-avô do rei.

HENRIQUE BEAUFORT, tio-avô do rei, Bispo de Winchester, depois cardeal.

JOÃO BEAUFORT, Conde, depois Duque de Somerset.

RICARDO PLANTAGENETA, filho de Ricardo, falecido Conde de Cambridge; depois Duque de York.

CONDE DE WARWICK.

CONDE DE SALISBURY.

CONDE DE SUFFOLK.

LORDE TALBOT, depois Conde de Shrewsbury.

JOHN TALBOT, seu filho.

EDMUNDO MORTIMER, Conde de March.

SIR JOHN FASTOLFE.

SIR WILLIAM LUCY.

SIR WILLIAM GLANSDALE.

SIR TOMÁS GARGRAVE.

WOODVILE, tenente da Torre.

O prefeito de Londres. O carcereiro de Mortimer.

Um jurista.

VERNON, da Rosa branca, da facção de York.

BASSET, da Rosa vermelha, da facção de Lancaster.

CARLOS, delfim, depois rei da França.

REIGNIER, Duque de Anjou e rei titular de Nápoles.

DUQUE DE BORGONHA.

DUQUE DE ALENÇON.

O bastardo de Orleans.

O governador de Paris.

O canhoneiro-mor de Orleans e seu filho.

O general das forças francesas em Bordéus.

Um sargento francês.

Um porteiro.

Um velho pastor, pai de Joana la Pucelle.

MARGARIDA, filha de Reignier; depois casada com o Rei Henrique.

CONDESSA DE AUVERGNE.

JOANA LA PUCELLE, comumente chamada Joana d'Arc.

Nobres, guardas da Torre, arautos, oficiais, soldados, mensageiros e criados.

DEMÔNIOS que aparecem a Pucela.

## *Cena*

*Parte na Inglaterra, parte na França.*

# Ato I • Cena I

*Abadia de Westminster.*

*Marcha fúnebre. Vê-se o corpo do Rei Henrique V, cercado pelos Duques de Bedford, Gloucester e Exeter, o Conde de Warwick, o Bispo de Winchester, arautos, etc.*

**BEDFORD** • Cubra-se o céu de negro, em noite o dia se transforme! Cometas, que as mudanças do tempo revelais e dos Estados,

sacudi no alto empíreo vossas tranças de cristal e açoitai as ruínas estrelas que na morte de Henrique concordaram! Era grande demais Henrique, o quinto, para viver por muito tempo! Nunca a Inglaterra perdeu um rei tão grande.

**GLOSTER** • Antes dele não houve na Inglaterra nenhum rei no sentido verdadeiro.

Era dotado de virtude e digno de mandar; ao brandir a espada, os raios dela a vista dos homens ofuscavam; seus braços se estendiam mais ainda do que asas de dragão; em ira aceso, o olhar faulhante era de mais efeito para atordoar e rechaçar inimigos, do que o sol, quando neles dardejava.

Como dizer? Seus feitos transcendiam todo discurso; a mão jamais erguia sem realizar de pronto uma conquista.

**EXETER** • Por que razão em vez de preto o nosso luto por ele não será de sangue?

Henrique já morreu; não torna à vida; achamo-nos ao pé de um caixão fúnebre e à vitória sem mérito da Morte damos honra, tão-só por nos portarmos no jeito de vencidos que acompanham o carro do triunfo. Como! Vamos, então amaldiçoar os ruínas planetas que se ligaram contra a nossa glória?

Ou pensar que os franceses astuciosos são todos feiticeiros e adivinhos e que, por medo dele, versos mágicos recitavam, a fim de aniquilá-lo?

**WINCHESTER** • Foi abençoado pelo Rei dos reis. O pavoroso dia do juízo não será mais terrível para os francos

do que o foi sua vista. Batalhava para o Deus dos exércitos; as preces da Igreja próspero o fizeram sempre.

**GLOSTER** • A Igreja? Onde se encontra? Não tivessem rezado os padres, não se lhe teria rompido cedo o fio da existência. Só vos agradaríeis de um monarca efeminado, em quem metêsseis medo como num escolar inexperiente.

**WINCHESTER** •

Seja o que for que nos agrade, Gloucester, o protetor és tu, que só trabalhas para mandar no príncipe e no reino. Tua esposa é orgulhosa; ela te infunde mais medo do que Deus e os padres todos.

**GLOSTER** • Não tragas à conversa coisas santas; amas a carne; nunca vais à Igreja, senão somente a fim de pedir algo de que redunde mal para os inimigos.

**BEDFORD** • Basta de discussões! Acomodai-vos. Vamos já para o altar. Arauto, segue-nos. Ofereçamos armas em vez de ouro, porque inúteis agora elas ficaram depois de morto Henrique.

Posteridade, aguarda apenas anos calamitosos, em que as crianças mamem as lágrimas das mães. Nossa ilha, fonte vai tornar-se de lágrimas salgadas, com mulheres, somente, a se carpirem pelos mortos. Henrique quinto, invoco-te o espírito! Protege este teu reino!

Livra-o de comoções civis, combate no alto céu os planetas inimigos! Tua alma vai formar no firmamento uma estrela de glória mais brilhante do que a de Berenice ou Júlio César.

*(Entra um mensageiro.)*

**MENSAGEIRO** • Saúde a todos vós, nobres senhores! Sou portador de novas más da França, de assassínios, de perdas e derrotas: Guiana, Orleans, Champanha, Reims, Paris, Poitiers, Gisors estão quase perdidas.

**BEDFORD** • Que dizes, homem, diante do cadáver de Henrique? Fala baixo. À só notícia

da perda de cidades tão valiosas,  
rompe ele o chumbo e se alça de entre os mortos.

**GLOSTER** · Paris caiu? Ruão capitulou?

Se Henrique revivesse, essa notícia  
o faria exalar de novo o espírito.

**EXETER** · Como foi isso? Que traição usaram?

**MENSAGEIRO** ·

Traição nenhuma; foi por falta de homens  
e de dinheiro. Entre os soldados fala-se  
que mantendes aqui facções diversas  
e que, em vez de ingressardes nos combates,  
discutis sobre a escolha do comando.

Este opina que a luta se protele  
sem despesas de vulto; outro quisera  
voar ligeiro, mas carece de asas;  
um terceiro é de aviso que, sem gastos  
de espécie alguma, apenas com palavras  
bonitas e escolhidas fora fácil  
alcançarmos a paz. Nobres ingleses,  
despertai! despertai! não consentindo  
que a indolência conspurque vossos títulos  
recentes. Vossas armas já perderam  
todos os lírios; ora tendes menos  
da metade do escudo da Inglaterra.

**EXETER** · Se carência de lágrimas tivéssemos  
para estes funerais, tão ruins notícias  
no-las trariam em marés estuantes.

**BEDFORD** · Excitam-me essas novas; sou regente  
da França. Tragam minha cota de armas;  
lutarei pela França. Despojemo-nos  
destas vestes de luto vergonhosas.  
Em vez de olhos, feridas nos franceses  
abrirei, para que eles chorar possam  
suas desgraças ora interrompidas.

*(Entra outro mensageiro.)*

**SEGUNDO MENSAGEIRO** ·

Nobres, lede estas cartas transbordantes  
de notícias ruins. Contra o domínio  
da Inglaterra está a França revoltada,  
com exceção de cidades secundárias.  
O delfim Carlos foi coroado em Reims;  
o bastardo de Orleans a ele se uniu;  
Reignier, Duque de Anjou, foi reforçá-lo;  
o Duque de Alençon se acha a seu lado.

**EXETER** · Foi coroado o delfim? Para ele correm  
todos os nobres? Oh! E nós para onde  
de tão grande vergonha fugiremos?

**GLOSTER** · Corramos para o peito dos inimigos;  
Bedford, se ainda vacilas, eu combato.

**BEDFORD** · Por que duvidas, Gloster, do meu brio?  
No pensamento trago ingentes forças  
com que a França já está desbaratada.

*(Entra terceiro mensageiro.)*

**TERCEIRO MENSAGEIRO** ·

Meus graciosos senhores, porque lágrimas  
acrescenteis às que o cadáver banham  
do Rei Henrique, a nova ora vos trago  
do combate terrível ocorrido  
entre o altivo Talbot e as forças francas.

**WINCHESTER** ·

Em que Talbot venceu, não é verdade?

**TERCEIRO MENSAGEIRO** ·

Oh, não! em que o vencido foi Talbot.  
Vou contar-vos por miúdo as circunstâncias.  
A dez de agosto esse temível lorde,  
que escassos seis mil homens comandava,  
ao levantar o cerco de Orleans  
se viu cercado pelas tropas francas,  
vinte e três mil ao todo. Não dispondo  
de tempo, para em ordem pôr seus homens,  
nem de piques que à frente dos arceiros  
colocasse, eis agudas varas tira  
dos cercados de em torno, e manda à pressa  
no chão fincá-las, como se pudesse,  
para impedir o avanço dos cavalos.  
O combate durou mais de três horas,  
em que, de lança e espada o inimitável  
Talbot perfez milagres que transcendem  
a inteligência humana. Para o inferno  
mandou ele centenas de franceses;  
ninguém se abalançava a resistir-lhe.  
Por aqui, por ali, por toda parte  
enraivado corria; os inimigos  
o tinham como autêntico demônio.  
O exército francês, estarrecido  
diante dele ficou; seus comandados,  
presenciando tão grande valentia,  
“Talbot! Talbot!” gritavam, atirando-se  
em pleno coração da luta ingente.  
E a vitória teria sido nossa,  
se papel de covarde não fizesse  
Sir John Fastolfe, que por trás se achava  
da vanguarda com o fim de reforçá-la  
no perigo e segui-la, e que, de súbito,

do campo desertou sem dar um tiro.

A chacina tornou-se pavorosa  
no cerco posto pelos inimigos.

Um infame valão, para que as graças  
do delfim conquistasse, a espada atira  
no dorso de Talbot, que os adversários  
em conjunto jamais fitar puderam.

**BEDFORD** · Talbot morreu? Então quero matar-me  
por ter vivido ocioso nesta pompa,  
enquanto um general de tanto préstimo  
foi traído por falta de recursos  
e entregue a seus covardes inimigos.

**TERCEIRO MENSAGEIRO** ·

Não, ainda está vivo, mas foi feito  
prisioneiro e, com ele, Lorde Scales  
e Lorde de Hungerford; os mais ficaram  
no campo ou, de igual modo, prisioneiros.

**BEDFORD** · Pagarei eu sozinho o seu resgate.

Vou logo derrubar do próprio tronco  
o delfim Carlos e, com sua coroa,  
resgatar meu amigo. Darei quatro  
franceses por um nobre, só, dos nossos.

Adeus, mestres; reassumo o meu serviço.

Belas fogueiras vou fazer na França  
a fim de celebrar nosso São Jorge.

Dez mil soldados levarei perfeitos,  
que espantarão a Europa com seus feitos.

**TERCEIRO MENSAGEIRO** ·

É preciso, porque já está cercada  
a cidade de Orleans. A força inglesa  
se acha cansada e fraca, tendo o Conde  
de Salisbury reclamado auxílio,  
por não lhe ser possível, com tão poucos,  
enfrentar multidão tão numerosa.

**EXETER** · Lembrai-vos do que a Henrique ora jurastes:  
ou destruir o delfim completamente,  
ou de todo dobrá-lo ao nosso jugo.

**BEDFORD** · Não esqueci; por isso me despeço  
para aos preparativos consagrar-me.

(*Sai.*)

**GLOSTER** · Vou logo à torre ver a artilharia  
e as munições, para depois o jovem  
Henrique proclamar rei da Inglaterra.

(*Sai.*)

**EXETER** · Como especial guardião do novo rei,  
vou para Eltham, onde ele ora se encontra;  
lá cuidarei da sua segurança.

(*Sai.*)

**WINCHESTER** ·

Todos têm sua função e emprego à parte;  
a mim me excluíram; não me sobrou nada.  
Mas não hei de ficar por muito tempo  
como um João sem papel; vou ver se tiro  
de Eltham o novo rei, porque me assente  
ao leme do tesouro incontinenti.

(*Sai.*)

## Ato I · Cena II

*França. Diante de Orleans.*

*Entram Carlos, com suas tropas, Alençon, Reignier e outros.*

**CARLOS** · No céu, como na terra, o verdadeiro  
curso de Marte ainda não se conhece.

Aos ingleses propício era ele, há pouco;  
propício agora é a nós, pois que vencemos.

Que cidades de monta ainda nos faltam?

Diante de Orleans estamos sossegados,  
e os ingleses, quais pálidos fantasmas,  
uma hora só por mês nos dão combate.

**ALENÇON** · Necessitam de caldo e gordo bife;  
ou no jeito de mulos são tratados,  
com o saco de comida sempre perto

do focinho, ou se tornam miseráveis  
como ratos no ponto de afogar-se.

**REIGNIER** · Levantemos o cerco. Por que estarmos  
aqui sem fazer nada? Quem temíamos,  
já está preso: Talbot. Só resta o louco  
Salisbury, que pode a própria bile  
gastar em pura perda, pois carece  
de homens e de dinheiro para a guerra.

**CARLOS** · Mandai tocar alarma! Vamos a eles,  
pela honra dos franceses que perdemos!  
Perdoarei a quem quer que hoje me mate,  
se eu recuar um só passo no combate.

(*Saem.*)

(*Rebate; movimento de tropas; depois, retirada. Voltam Carlos, Alençon, Reignier e outros.*)

**CARLOS** ·

Quem tal coisa já viu? Que homens que tenho?  
Cães! Covardes! Poltrões! Nunca eu teria  
fugido, se sozinho não ficasse  
em meio aos inimigos.

**REIGNIER** ·

Salisbury

é um matador terrível, que combate  
como quem já não tenha amor à vida.  
Os outros nobres, como leões famélicos  
viam em nós a apetecida presa.

**ALENÇON** · Froissart, um nosso conterrâneo, lembra  
que no reinado do terceiro Eduardo  
a Inglaterra gerara só Rolandos  
e Olivérios, o que hoje, mais que nunca,  
se confirma, por ela ter enviado  
contra nós só Golias e Sansões.

Um contra dez! Só pele em cima do osso!  
Quem poderia imaginar que fossem  
dotados de tal ímpeto e ousadia?

**CARLOS** · Larguemos a cidade; são escravos  
teimosos, a que a fome poderia  
levar ao desespero. Já os conheço  
de muito tempo. Ser-lhes-á mais fácil  
com os dentes arrancar uma a uma as pedras  
da muralha, que o cerco suspenderem.

**REIGNIER** · Algum estranho mecanismo os braços  
lhes movimenta, como o dos relógios  
que as horas batem sempre. Não se pode  
conceber que resistam de outro modo.  
Penso que deveríamos deixá-los  
aqui sozinhos.

**ALENÇON** · Seja!

*(Entra o bastardo de Orleans.)*

**O BASTARDO** · Onde está o príncipe delfim? Desejo  
falar-lhe; trago novas importantes.

**CARLOS** ·

Bastardo de Orleans, sede três vezes bem-vindo.

**O BASTARDO** · Todos tendes a aparência  
desanimada e os olhos abatidos.

Foi a última derrota a causa disso?

Coragem! que o socorro já vem perto.

Trago comigo uma donzela santa,  
que uma visão do céu escolheu para  
levantar este cerco fastidioso  
e da França expulsar logo os ingleses.

É dotada de espírito profético  
em grau mais acentuado do que as nove  
sibilas da alta Roma; ela conhece  
quanto passou e o que ainda está por vir.  
Dizei: posso trazê-la? Ficai certo  
de que é infalível quanto vos declaro.

**CARLOS** · Ide buscá-la.

*(Sai o bastardo.)*

Mas façamos antes

uma experiência. Em meu lugar tu ficas,  
Reignier, como delfim. Encara-a firme;  
fala-lhe sobranceiro. Desse modo  
ficaremos sabendo quanto vale.

*(Retira-se.)*

*(Volta o bastardo de Orleans, com Joana la Pucelle e outros.)*

**REIGNIER** · Bela menina, é certo que desejas  
realizar altos feitos?

**JOANA** ·

Imaginas,

Reignier, que te é possível enganar-me?  
Onde se acha o delfim? Vem para a frente.  
Eu te conheço, muito embora nunca  
te haja visto. Não fiques assustado,  
que para mim não há coisas ocultas.  
Desejo conversar-te em separado.

Deixai-nos sós, senhores; afastai-vos!

**REIGNIER** · Porta-se com denodo na investida.

**JOANA** · Delfim, por nascimento eu sou pastora,  
sem instrução alguma em qualquer arte;  
mas quis o céu e, assim, nossa graciosa  
Senhora iluminar minha humildade.

Quando eu guardava minhas ovelhinhas,  
expondo o rosto aos raios esbraseantes  
do sol, a mãe de Deus dignou-se em vir-me  
visitar, em visão cheia de galas.

Mandou que abandonasse o baixo ofício  
e dos males a pátria libertasse;  
auxílio prometeu e êxito pleno.

Revelou-se-me em toda a sua glória;  
e porque antes eu era mais trigueira,  
quase preta, infundiu-me ela seus raios  
ofuscantes, que logo me deixaram  
com a beleza abençoada que estais vendo.

Dirige-me as perguntas que quiseres;  
sem vacilar responderei a todas.

Põe-me à prova em combate, se te atreves;

verás que me acho acima do meu sexo.

Resolve; serás sempre afortunado

se à luta me lewares a teu lado.

**CARLOS** · Tua eloquência me deixou perplexo;

só desejo uma prova do teu mérito:

medires-te comigo num combate

singular. Se saíres vencedora,

é que falaste certo; do contrário,

retiro-te de vez toda a confiança.

**JOANA** · Estou pronta; aqui se acha minha espada

cortadora, de lírios adornada,

que de um monte de ferro velho eu própria

em Touraine tirei, no cemitério

de Santa Catarina.

**CARLOS** · Vem, em nome

de Deus; não me arreccio de mulheres.

**JOANA** · Viva, não correrei de nenhum homem.

*(Batem-se; vence Joana la Pucelle.)*

**CARLOS** · Pára essa mão! És amazona! Lutas

com a espada de Débora.

**JOANA** · Auxilia-me

a mãe de Cristo; do contrário, eu fora

fraca demais.

**CARLOS** · Quem quer que te auxilie,

pouco importa. Tu, sim, é que precisas

socorrer-me. Venceste-me a um só tempo

o coração e as mãos. Pucela excelsa,

se o teu nome é esse mesmo, ora me deixa

ser teu criado, não teu soberano.

É o delfim que te fala desse modo.

**JOANA** · Os mistérios do amor não valem nada;

minha missão no céu foi consagrada.

Só poderei pensar em recompensa

depois de ter vencido esta pendenza.

**CARLOS** · Mas até lá dispensa olhar benévolo

a este escravo que aos pés se te prosterna.

**REIGNIER** · Parece-me que o rei conversa muito.

**ALENÇON** · Ele a está confessando até à camisa;

senão, não falaria tanto tempo.

**REIGNIER** ·

Não tem mais fim! Convém interrompê-los?

**ALENÇON** · Decerto tem projetos que nós outros,

coitados, ignoramos. As mulheres

sabem tentar com lábia irresistível.

**REIGNIER** · Onde estais, meu senhor? Que decidis?

Largaremos Orleans ou resistimos?

**JOANA** · Não! velhacos sem crença, não! vos digo;

resisti até o último suspiro,

que eu vos protegerei.

**CARLOS** · Confirmo quanto

ela disse; até o fim resistiremos.

**JOANA** · O fado me destina para látego

dos ingleses. Sem dúvida possível,

suspenderei o cerco ainda esta noite.

Contai só com verões de São Martinho,

dias alciôneos, porque entrei na guerra.

A glória é como um círculo sobre a água,

que aumenta sempre mais, até que à força

de se alargar, termina em coisa alguma.

Com a morte de Henrique acaba o círculo

da Inglaterra; dispersas se acham todas

as glórias nele inclusas. Neste instante

eu sou como o insolente e altivo barco

que a César carregava e sua fortuna.

**CARLOS** · Se Maomé se inspirava em uma pomba,

em uma águia, decerto, tu te inspiras.

Helena, a mãe do grande Constantino,

não era como tu, nem mesmo as filhas

de São Filipe. Refulgente estrela

de Vênus, que na terra ora te encontras,

de que maneira revelar-te a minha

veneração?

**ALENÇON** · Deixemos de medidas,

para ver como o cerco levantamos.

**REIGNIER** · Mulher, agora faz o que puderes

para a honra nos salvar. Atira-os longe

da cidade de Orleans e imortaliza-te.

**CARLOS** · Vamos logo tentá-lo. Às armas! Vamos!

Não mais terei confiança em profecias,

se ela se mostrar falsa neste passo.

*(Saem.)*

# Ato I · Cena III

*Londres. Diante da Torre.*

*Ante as portas apresenta-se o Duque de Gloster com seus criados de uniforme azul.*

**GLOSTER** · Vim hoje inspecionar a Torre. Temo que haja contravenção depois da morte de Henrique. Abri! É Gloster que vos fala.  
(*Os criados batem.*)

**PRIMEIRO GUARDA** (*dentro*) ·

Quem bate por tal modo autoritário?

**PRIMEIRO CRIADO** ·

É o nobre duque. Abri! Duque de Gloster.

**SEGUNDO GUARDA** (*dentro*) ·

Seja quem for, entrar é que não entra.

**PRIMEIRO CRIADO** ·

Vilãos! Usais de semelhantes termos com o Lorde Protetor?

**PRIMEIRO GUARDA** (*dentro*) · Deus o proteja,

é o que podemos responder. Estamos cumprindo ordens somente, e ordens são ordens.

**GLOSTER** · Que ordens são essas? Quem aqui dá ordens senão eu, tão-só eu, que sou do reino o único protetor? Quebrai as portas; eu respondo por isso. Hei de deixar-me ludibriar desse modo por uns sujeitos?

(*Os homens de Gloster se arremessam contra a porta; da parte de dentro aproxima-se o Tenente Woodvile.*)

**WOODVILE** ·

Quem faz esse barulho? Que traidores temos aí?

**GLOSTER** · Tenente, conheci-vos pela voz; abri as portas; fala Gloster; desejo entrar.

**WOODVILE** · Paciência, nobre duque; não posso obedecer; foi o Cardeal de Winchester que o mandou; recebi ordens expressas de me opor à tua entrada e à de qualquer pessoa do teu séquito.

**GLOSTER** ·

Oh fraco Woodvile! Tem-lo em maior conta do que a mim? A esse estúpido prelado, Winchester arrogante, que nosso último soberano jamais suportar pôde?

Não tens amor a Deus nem a teu rei.

Abre logo; se não, jogar-te-ei fora.

**PRIMEIRO CRIADO** ·

Abri as portas, depressa, para o Lorde Protetor; do contrário, as quebraremos.

(*Entra Winchester, seguido de criados com uniforme aleonado.*)

**WINCHESTER** ·

Que ora pretendes, Humphrey ambicioso?

**GLOSTER** · Padre careca, é certo que deste ordem para impedir-me a entrada?

**WINCHESTER** · Dei, por seres usurpador sem fé, não protetor do reino nem do rei.

**GLOSTER** · Fora, patente conspirador! A morte do nosso último soberano por ti foi concertada.

Permitiste às rameiras o pecado.

Vou fazer logo uma devassa nesse chapéu cardinalício, caso sigas a pompear tua incrível insolência.

**WINCHESTER** · Recua tu; não cederei um passo.

Seja isto outro Damasco, e tu, se o queres, o maldito Caim, para matares a Abel, teu próprio irmão.

**GLOSTER** · Não vou matar-te;

vou fazer-te recuar usando dessa vestimenta escarlate como se ela fosse uma toalha de batismo para te carregar e por longe daqui.

**WINCHESTER** ·

Faze como quiseres; desafio-te cara a cara.

**GLOSTER** · Ah! É assim? Tens a ousadia de desafiar-me? Olá, meus homens, basta de atenção ao lugar: espadas fora! Uniformes azuis contra aleonados! Padre, toma cuidado com tua barba.

(*Gloster e seus homens atacam o cardeal.*)

Vou arrancá-la e moer-te a cachações.

Quero pisar nesse chapéu de bicos; em que pese ao teu papa e às dignidades da Igreja, puxar-te-ei pelas bochechas em todos os sentidos, hás de ver.

**WINCHESTER** · Gloster, responderás isto ante o papa.

**GLOSTER** ·

Winchester, ganso de uma figa! Tragam-me

uma corda! Expulsai-os sem detença!  
Que esperais? Quanto a ti, lobo fingido  
de carneiro, vais ver! Fora, uniformes  
azuis! Sai logo, hipócrita escarlate!

*(Os criados de Gloster atacam os do cardeal;  
em meio à confusão entra o prefeito de Londres, com seus  
oficiais.)*

**PREFEITO** · Ora, milordes! Vós, os magistrados  
supremos, perturbando a paz por modo  
tão vergonhoso!

**GLOSTER** · Não te metas nisso,  
prefeito, pois não sabes que de afrontas  
eu sofri. Aqui está Beaufort, que pouco  
se incomoda com Deus ou com o monarca  
e que em vantagem própria ocupa a Torre.

**WINCHESTER** · Eis Gloster, o inimigo da República,  
que só promove guerras e não cuida  
da paz, sobretaxando com impostos  
exorbitantes vossas bolsas livres.

Porque ele é protetor, procura a ruína  
da religião e deseja as armas  
que na Torre se encontram, como meio  
de se fazer coroar, burlando o príncipe.

**GLOSTER** · Minha resposta não será falada,  
mas deste jeito.

*(Tornam a engalfinhar-se.)*

**PREFEITO** · Só me resta, em meio

a semelhante rixa, cuidar de uma  
proclamação. Vem, oficial, e grita  
com toda a força que pudeses. Vamos!

**OFICIAL** · Homens de todas as posições, que hoje  
vos congregastes para pegar em armas contra a paz  
de Deus e do rei: em nome de Sua Alteza e sob  
pena de morte, nós vos intimamos e ordenamos que  
volteis para vossas casas e não tragais, não manejeis,  
nem useis, daqui por diante, espada, adaga ou  
qualquer outra arma ofensiva.

**GLOSTER** · Cardeal, não quero violar a lei.  
Mas espero que ainda nos veremos  
para nos entendermos à vontade.

**CARDEAL** · Nós nos veremos, Gloster. Este dia  
vai-te sair caro; vou tirar-te o sangue  
do coração por isto, podes crer-me.

**PREFEITO** · Se prosseguis, mando buscar cacetes.  
Este cardeal é pior do que o demônio.

**GLOSTER** · Prefeito, adeus; fizeste o que devéis.

**WINCHESTER** · Abominável Gloster, toma conta  
da cabeça! Não tarda, irei buscá-la.

*(Saem, por lugares diferentes, Gloster e Winchester, com  
seus homens.)*

**PREFEITO** · Dispersai essa gente! Vamos logo!  
Oh Deus! Como esses nobres são vesanos!  
Não briguei um só dia em quarenta anos.

*(Saem.)*

## Ato I · Cena IV

*França. Diante de Orleans.*

*Aparece sobre os muros o canhoneiro-mestre com o filho.*

**CANHONEIRO-MESTRE** ·

Maroto, não ignoras que a cidade  
se acha cercada e que os ingleses donos  
já são de seus subúrbios.

**O FILHO** · Pai, é certo;  
e muitas vezes já atirei contra eles,  
mas sem sorte, pois nunca acertei no alvo.

**CANHONEIRO-MESTRE** ·

Vais acertar; orienta-te por mim;  
sou o canhoneiro-mestre da cidade;  
preciso realizar alguma proeza

para obter graça. Os espões do príncipe  
me informaram há pouco que os ingleses  
que estão entrincheirados nos subúrbios  
vão até aquela torre por passagem  
secreta, para espiar-nos a cidade,  
a fim de verem qual o melhor meio  
de nos causarem dano, seja a tiros  
de artilharia, seja de escalada.  
Para neutralizar o inconveniente,  
coloquei uma peça na passagem  
e, há três dias, estou de sentinela  
com o fito de apanhá-los. Mas agora,  
pequeno, fica tu, que me é impossível  
demorar por mais tempo.

Se descobrires algo, vai contar-me  
sem mais demora; estou com o comandante.

(*Sai.*)

O FILHO · Asseguro-vos, pai; ficai tranqüilo;  
se os surpreender, não vos darei cuidado.

(*Sai.*)

(*Aparecem na Torre os Lordes Salisbury e Talbot,*

*Sir William Glansdale, Sir Tomás Gargrave e outros.*)

SALISBURY · Talbot, minha alegria, minha vida!

Novamente entre nós! Como o inimigo

te tratou? Como foste libertado?

Conta-nos isso do alto desta torre.

TALBOT · O Duque de Bedford fez prisioneiro  
um bravo lorde, Ponton de Santrailles.

Paguei o meu resgate e fui trocado  
por ele. Só com o fito de humilhar-me,

queriam permutar-me, no começo,

por outro prisioneiro sem nobreza,

o que, indignado, recusei, dizendo

que preferia a morte a tal ultraje

na minha avaliação. Por fim me deram

liberdade, segundo os meus desejos.

Mas sinto o coração despedaçar-se-me

por causa de Fastolfe, o vil traidor,

que eu mataria a murros, se ao alcance

dos braços o tivesse.

SALISBURY · Não contaste

ainda de que maneira te trataram.

TALBOT · Com zombarias, chufas e sarcasmos.

Puseram-me na praça do mercado

para servir ao povo de espetáculo.

Eis o terror, diziam, dos franceses,

que serve de espantinho aos nossos filhos.

Nessa altura, livre-me dos soldados

que me prendiam e, com as próprias unhas,

tirei do solo pedras, que jogava

contra os espectadores da vergonha

por que estava passando. Meu aspecto

assustador os fez correr a todos.

Com receio de expor-se a morte súbita

ninguém chegava a mim. Nem férreos muros

poderiam prender-me, acreditavam.

O medo do meu nome se espalhara

de tal modo, que todos me supunham

capaz de desfazer grades de ferro

e de em pedaços reduzir vigotas

de diamante. Por isso, me puseram

sob a vista de guardas escolhidos,  
hábeis atiradores, que a toda hora  
vinham espiar-me e que me atirariam  
em pleno coração, se, porventura,  
do meu leito um só passo eu me afastasse.

(*Entra um menino com um morrão.*)

SALISBURY ·

Dói-me ouvir-te contar esses tormentos;

ainda havemos de vingar-nos deles.

Agora em Orleans é hora da ceia;

através desta grade eu posso os homens

contar e perceber como os franceses

se fortificam. Vamos espia-los;

a vista vai te ser muito agradável.

Sir Tomás Gargrave e Sir William Glansdale,

deixai-me ouvir vossa opinião expressa

sobre o melhor lugar para assentarmos

nossos canhões.

GARGRAVE · Na porta norte, penso,

por ser lá que se reúnem sempre os nobres.

GLANSDALE · Eu, aqui mesmo, no bastião da ponte.

TALBOT · Pelo que posso ver, esta cidade

precisa passar fome ou ser aos poucos

enfraquecida por escaramuças.

(*Ouve-se um tiro; Salisbury e Sir Tomás Gargrave caem.*)

SALISBURY · Apiada-te, Senhor, dos pecadores!

GARGRAVE ·

Tem piedade, Senhor, de um desgraçado!

TALBOT · Que subitâneo acaso vem cruzar-nos

os projetos? Se falas, Salisbury,

dize como te sentes. Fala, espelho

dos guerreiros! Tiraram-te um dos olhos

e quase uma bochecha. Oh torre infame!

Maldita seja a fatal mão que teve

parte na execução desta tragédia!

Salisbury venceu treze batalhas;

foi ele que formou Henrique quinto

na arte da guerra; enquanto no ar soavam

trombetas ou rebates de tambores,

não deixava seu gládio de abater-se

sobre os cascos imigos. Ainda vives,

Salisbury? Se a voz já te falece,

sobra-te um olho para o céu fitares,

em procura de graça. Com um só olho

pode o sol enxergar o mundo todo.

Oh céu, não sejas bom para os que vivem,

se Salisbury carecer de graça.

Levai-lhe o corpo; vamos sepultá-lo.  
Ainda estás vivo, Sir Tomás Gargrave?  
Conversa com Talbot, olha para ele.  
Sirva-te, Salisbury, de consolo  
saber que viverás até...  
Faz-me sinal com a mão; sorri-me como  
se me dissesse: após minha partida,  
quando eu já não viver, lembra-te sempre  
de vingar minha morte nos franceses.  
Fá-lo-ei, Plantageneta e, tal qual Nero,  
tocarei harpa contemplando o incêndio  
da cidade. Infeliz vai ser a França  
só com o meu nome.

*(Trovões e relâmpagos; depois, alarma.)*

Que tumulto é esse?

Que se passa no céu? De onde vem tanto  
barulho e esse chamado para a luta?

*(Entra um mensageiro.)*

MENSAGEIRO · Os franceses, milorde, nos atacam.  
O delfim, com uma tal Joana Pucela,  
que é santa e profetisa, vem com forças  
consideráveis levantar o cerco.

*(Salisbury geme e faz esforços para levantar-se.)*

TALBOT · Escutai como geme o moribundo  
Salisbury! A impotência de vingar-se  
lhe parte o coração. Vou ser, franceses,  
para vós todos outro Salisbury.  
Pucela ou prostituta,  
delfim ou cão do mar, hei de marcar-vos  
os corações a patas de cavalo  
e a lama reduzir-vos os miolos.  
Levai-me Salisbury para a tenda;  
em seguida veremos até que ponto  
os covardes franceses têm coragem.

*(Saem.)*

## Ato I · Cena V

*O mesmo. Diante de uma das portas.  
Rebate; escaramuças. Entra Talbot perseguindo o delfim  
e obrigando-o a recuar. Depois, entra Joana la Pucelle,  
fazendo sair à força vários ingleses. Talbot torna a entrar.*

TALBOT · Onde está meu poder e minha força?  
Meu valor onde se acha? Nossas tropas  
inglesas se retiram; já não posso  
nem detê-las; a vista, unicamente,  
de arnesada mulher as põe em fuga.  
*(Torna a entrar Joana la Pucelle.)*

Ei-la! Quero provar a minha força.  
Demônio ou mãe do diabo, eu te conjuro!  
És feiticeira; vou tirar-te sangue  
para tua alma entregar logo ao diabo.

JOANA · Vem, vem; ver-te-ás, assim, já derrotado.  
*(Combatem.)*

TALBOT · Consentes, céu, que o inferno prevaleça?  
Farei o coração em pedacinhos  
com a tensão da coragem, e dos ombros  
os braços tirei, contanto que hoje  
castigue esta rameira corajosa.

*(Tornam a lutar.)*

JOANA · Adeus, Talbot; tua hora ainda não veio.

Vou agora prover sobre alimentos  
para a cidade.  
*(Pequeno rebate; a Pucela entra para a cidade, com seus  
soldados.)*

Apanha-me, se o podes.  
Desprezo-te o poder. Vai dar coragem  
aos ingleses famintos; vai! Ajuda  
Salisbury a fazer o testamento.  
Foi nosso o dia; outros iguais teremos.  
*(Sai.)*

TALBOT · Giram-me os pensamentos como roda  
de moleiro; não sei onde me encontro,  
nem o que faço. Aquela feiticeira,  
não por meio da força, como Aníbal,  
mas influenciando-lhes medo, expulsa as tropas  
e vence onde lhe apraz, tal como o fumo  
faz às abelhas e o mau-cheiro às pombas,  
dos pombais e colmeias espantando-as.  
Nossa fereza nos valeu a alcinha  
de cães ingleses; tímidos, agora,  
como cãesinhos, a ganir, fugimos.  
*(Pequeno rebate.)*

Concidadãos, ou renovai o ataque,  
ou retirai os leões desses escudos!

Renunciái ao torrão pátrio, ponde cordeiros nessas armas, que não correm com mais temor dos lobos os cordeiros, nem do leopardo os touros e os cavalos, do que vós o fazeis diante de escravos que nós já tantas vezes subjugamos.

*(Alarma; outra escaramuça.)*

Não pode ser. Às tendas recolhei-vos!

Vós todos sois culpados do trespassse de Salisbury, pois ninguém se mexe para dar um só golpe em sua defesa. Penetrou a Pucela na cidade apesar de nós próprios e de quanto pudéssemos fazer. Oh! se eu tivesse sorte igual à do grande Salisbury! A vergonha me faz cobrir o rosto.

*(Saem, carregando os corpos.)*

## Ato I • Cena VI

*O mesmo.*

*Aparecem sobre os muros Joana la Pucelle, Carlos, Reignier, Alençon e soldados.*

JOANA • Nossas cores ondeiam sobre os muros, Orleans foi retomada dos ingleses; assim cumpriu Joana o prometido.

CARLOS • Criatura divinal, filha de Astréia, de que modo te honrar por tal vitória? Como o jardim de Adônis é o teu voto: um dia, todo em flor; no outro, só frutos.

França, exulta com tua profetisa gloriosa: retomada foi Orleans! Maior bênção jamais nos coube em sorte.

REIGNIER • Por que não repicarem logo os sinos da cidade? Delfim, ordena a todos os cidadãos que acendam ledos fogos e que se banqueteiem ao ar livre, pelas ruas, a fim de celebrarmos o triunfo que por Deus nos foi mandado.

ALENÇON • Há que rejubilar a França inteira, quando souber de como nos portamos.

CARLOS • Não fomos nós, foi Joana a vencedora. Por isso, quero seja também dela minha coroa. Seu louvor infindo, hão de cantar em procissão os monges e os padres do meu reino. Vou construir-lhe pirâmide mais alta que a de Mênfis ou de Ródope e em sua lembrança, quando vier a morrer, pôr-lhe-ei as cinzas numa urna mais preciosa do que o cofre de Dario, com jóias recamado, que levada será sempre nas festas, diante dos reis da França e das rainhas. Não mais diremos: “São Dionísio!” Joana la Pucelle será a santa da França. O banquete aprestemos; a vitória de hoje vai nos trazer excelsa glória.

*(Saem.)*

## Ato II • Cena I

*Diante de Orleans.*

*Aparecem na porta um sargento francês e duas sentinelas.*

SARGENTO • A postos e olho aberto, meus senhores. Se ouvirdes algum ruído, ou perceberdes soldados junto aos muros, logo ao corpo da guarda nos mandai um claro aviso.

PRIMEIRA SENTINELA •

Pois não, sargento.

*(Sai o sargento.)*

Assim se dá com os pobres servidores. Enquanto os outros dormem sossegados na cama, nós vigiamos sem ter vontade disso, neste escuro, tomando chuva e a tiritar de frio.

*(Entram Talbot, Bedford, Borgonha, com tropas e escadas de escalar; os tambores tocam uma marcha fúnebre.)*

TALBOT • Lorde regente e vós, Borgonha excelso, cuja chegada nos valeu as terras

de Artois, da Picardia e o país Valão, os franceses se crêem muito seguros nesta noite feliz, tendo passado todo o dia em banquetes e festas. Aproveitemos a oportunidade para lhes darmos quitação da fraude que só puderam realizar por meio de arte diabólica e da mais funesta feitiçaria.

**BEDFORD** · França sem coragem!  
É ele mesmo que mancha sua alta fama; por não crer no vigor do próprio braço, junta-se a bruxas e recorre ao inferno.

**BORGONHA** ·

Os traidores não têm outros comparsas. Mas quem é essa Pucela que apregoam ser tão casta?

**TALBOT** · Uma virgem, dizem todos.

**BEDFORD** · Uma virgem? E assim tão belicosa?

**BORGONHA** · Rezemos para que ela não se mostre tão masculina assim por muito tempo, caso armada prossiga sob as cores dos franceses, tal como no começo.

**TALBOT** · Eles que continuem conversando com os espíritos. Deus é o nosso burgo; sob o seu nome incontrastável vamos escalar estes muros de granito.

**BEDFORD** · Sobe, bravo Talbot, que te seguimos.

**TALBOT** · Juntos, não. É melhor, segundo penso, entrarmos por lugares diferentes, porque se acontecer que um de nós falhe, o outro pode enfrentar os inimigos.

**BEDFORD** · Muito bem; eu escalo aquele canto.

**BORGONHA** · E eu este outro.

**TALBOT** · Talbot sobe por este, ou cavará sua própria sepultura.

Salisbury, por ti e pelo direito

do inglês Henrique, eis-me em combate! Possa revelar esta noite quanto eu me acho pela dedicação a ambos ligado.

*(Os ingleses escalam os muros aos gritos de "São Jorge! Talbot!" entrando todos na cidade.)*

**PRIMEIRA SENTINELA** ·

Às armas! O inimigo nos assalta!

*(Os franceses saltam os muros, em camisa. Entram por lados diferentes, o bastardo de Orleans, Alençon, Reignier, incompletamente vestidos.)*

**ALENÇON** · Então, senhores! Ainda nestes trajos?  
**O BASTARDO** ·

Ainda, e contentes por estarmos fora.

**REIGNIER** · Sim, já era tempo de deixar os leitos, que o barulho até os quartos nos chegara.

**ALENÇON** · Desde que comeci a trazer armas, jamais tive notícia de uma empresa que se compare com esta em desespero e lance de ousadia.

**O BASTARDO** · Esse Talbot, quero crer, é um espírito do inferno.

**REIGNIER** · Se não o inferno, o céu o favorece.

**ALENÇON** · Eis Carlos; maravilha que escapasse.

**O BASTARDO** · Caluda! Santa Joana defendeu-o.

*(Entram Carlos e Joana la Pucelle.)*

**CARLOS** · Essa é a tua força, dama enganadora?

Quiseste lisonjear-nos, ensejando-nos vitória no começo, para agora ser dez vezes maior a nossa perda.

**JOANA** · Por que se mostra Carlos impaciente com os amigos? Supondes ser possível que o meu poder jamais se modifique?

Tenho de ganhar sempre, quer esteja velando, quer dormindo, porque a culpa não me atireis por tudo o que aconteça? Imprevidentes! Se tivesses feito boa guarda, esta súbita derrota não poderia nunca ter-se dado.

**CARLOS** · Foi vossa a falta, Duque de Alençon, pois como comandante dos vigias desta noite, não destes a importância devida a comissão tão delicada.

**ALENÇON** · Se em vossos quarteirões a vigilância fosse tão eficiente como a minha, não teríamos sido surpreendidos tão vergonhosamente.

**O BASTARDO** · No meu lado havia segurança.

**REIGNIER** · De igual modo no meu.

**CARLOS** · Só sei dizer que toda a noite passei andando de um para outro lado na porção que tocou a mim e a Joana, revistando sem pausa as sentinelas. Mas afinal, por onde eles entraram?

**JOANA** · Não vem ao caso essa questão, milorde,

por onde, ou de que modo. Não padece dúvida que um lugar eles acharam mal vigiado, por onde entrar puderam. Agora só nos resta este recurso: reunir as nossas forças tresmalhadas e excogitar os meios de causarmos novos e grandes danos ao inimigo.

*(Rebate; entra um soldado inglês gritando "Talbot! Talbot!"  
Todos fogem, deixando as vestes.)*

**SOLDADO** · Sou dono de quanto eles me deixaram. O só nome "Talbot" me é como espada, pois estou carregado de despojos sem usar de outras armas que seu nome.

*(Sai.)*

## Ato II · Cena II

*Orleans. Dentro da cidade.*

*Entram Talbot, Bedford, Borgonha, um capitão e outros.*

**BEDFORD** · O dia já começa; a noite foge com seu manto de pez que nos cobria. Mandai cessar a caça aos inimigos.

*(Toque de retirada.)*

**TALBOT** · Ponde o corpo do velho Salisbury na praça do mercado, bem no meio da cidade maldita. Considero pago o voto dicado à sua alma nobre, já que, por cada gota de seu sangue, cinco franceses, pelo menos, esta noite morreram. Para que as idades futuras venham a saber da ruína feita para vingá-lo, neste templo principal vou mandar construir um túmulo para nele depormos seus despojos, e aí farei gravar, para que todos possam ler, os horrores deste saque, a maneira traiçoeira de sua morte e o pavor que na França ele infundia. Mas, senhores, admira-me que em nosso cruento morticínio não tenhamos encontrado o delfim nem sua nova campeã, essa virtuosa Joana d'Arc, nem qualquer de seus falsos companheiros.

**BEDFORD** · Dizem, Lorde Talbot, que eles saltaram das camas sonolentas no começo da refrega e pularam as muralhas por entre homens armados, para abrigo procurarem no campo.

**BORGONHA** · Eu próprio, — quanto me era possível distinguir no meio da fumaça e da névoa desta noite —

pus em fuga o delfim e sua amásia, quando, de braços dados, eles iam como um par de rolinhas amorosas, que dia e noite estão sempre juntinhos. Depois que tudo aqui ficar em ordem, com toda a nossa força os persigamos.

*(Entra um mensageiro.)*

**MENSAGEIRO** · Milordes, salve! Aqui, nesta assembléia, quem tem o nome de Talbot guerreiro, tão famoso e aplaudido em toda a França?

**TALBOT** · Talbot sou eu. Quem é que quer falar-me?

**MENSAGEIRO** ·

A Condessa de Auvergne, alta e virtuosa, admirando, modesta, o teu renome, por mim, grande senhor, te pede queiras no seu pobre castelo visitá-la, para que ela, orgulhosa, dizer possa que contemplou o herói cuja alta glória por todo o mundo em seu louvor ressoa.

**BORGONHA** · Sério? Pelo que vejo, nossa guerra vai transformar-se em cômico desporto, pois que as damas aprazam entrevistas. Não podeis recusar esse convite, milorde, tão gentil.

**TALBOT** · Decerto; crede-me. O que a um mundo de gente nunca fora possível com os recursos da oratória, é fácil à bondade feminina.

Dizei-lhe que lhe envio muitas graças e que, submisso, intento visitá-la.

Vossas Honras não querem secundar-me?

**BEDFORD** ·

De forma alguma; é contra os bons costumes. Hóspede oferecido, como dizem, só é bem-vindo quando se despede.

**TALBOT** · Se não há outro jeito, irei sozinho pôr à prova a hospedagem da senhora. Capitão, vinde cá.

*(Fala-lhe ao ouvido.)*

Já me entendestes.

**CAPITÃO** · Sim, milorde; farei como o ordenastes.

*(Saem.)*

## Ato II · Cena III

*Auvergne. Pátio de um castelo.*

*Entram a condessa e o porteiro.*

**CONDESSA** · Porteiro, tomai nota da incumbência que vos dei. Uma vez cumprida a ponto, trazei-me logo as chaves.

**PORTEIRO** · Sim, senhora.

**CONDESSA** · A cilada está pronta; se der tudo certo até o fim, hei de ganhar mais nome do que a rainha cítica, Tomíris, com o trespasso de Ciro. É grande a fama do temível herói, de acordo, em tudo, com o que dele se conta. Só desejo confirmar pela vista o que os ouvidos já sabem de tão altas maravilhas.

*(Entram o mensageiro e Talbot.)*

**MENSAGEIRO** · Condessa, de acordo com o desejo que expendestes, chamado por mensagem, aqui se acha Lorde Talbot.

**CONDESSA** · Bem-vindo seja. Como! Esse homem?

**MENSAGEIRO** · Sim, senhora.

**CONDESSA** · Esse é o flagelo da França? Esse é o Talbot que tanto aí fora se faz temer, e cujo nome serve para infundir pavor nas nossas crianças? Vejo que a fama é fabulosa e falsa. Esperava ora ver um segundo Hércules, outro Heitor de terrível catadura, membros fortes e em tudo bem talhado. Este não passa de um menino, um simples anão. Não pode ser; uma criatura tão fraca e assim mirrada não pudera causar tanto pavor aos inimigos.

**TALBOT** · Vejo que minha vinda é inoportuna. Se Vossa Senhoria não se encontra disposta, voltarei noutra ocasião.

**CONDESSA** · Que disse ele? Pergunta-lhe aonde vai.  
**MENSAGEIRO** · Parai, Lorde Talbot; minha graciosa senhora desejava que dissésseis a razão de voltardes tão depressa.

**TALBOT** · Ora essa! Por estar ela enganada, vou sair, para a prova, alfim, trazer-lhe de que Talbot, de fato, está presente.

*(Volta o porteiro, com as chaves.)*

**CONDESSA** · Se és ele mesmo, então és prisioneiro.

**TALBOT** · Prisioneiro! De quem?

**CONDESSA** · Meu, sanguinário senhor! Por isso mesmo quis que viesses à minha casa. Tua sombra, há muito, se encontra a meu dispor, pois teu retrato já faz parte de minha galeria.

Mas sorte igual teu ser vai ter agora; vou pôr-te a ferros, pés e mãos atados, por haveres, tirano, tantos anos dilapidado este país, matado nossos homens e posto em cativeiro nossos maridos e os filhinhos caros.

**TALBOT** · Ah, ah, ah!

**CONDESSA** · Estás rindo, bandido? Essa alegria dentro em pouco em gemidos vai mudar-se.

**TALBOT** · Alegro-me, por ver Vossa Excelência na ilusão de possuir mais do que a sombra de Talbot, para nela exercitar cruel severidade.

**CONDESSA** · Não sois ele?

**TALBOT** · Sim, em pessoa.

**CONDESSA** · O original, portanto.

**TALBOT** ·

Não sou mais do que a sombra de mim próprio. Há engano; o original não está presente, porque o que vedes é a menor das partes de minha humanidade, porção mínima. Afirmo-vos, senhora, se estivesse toda a figura aqui, de tão notável

proporção e grandeza, vosso teto  
não fora suficiente a comportá-la.

**CONDESSA** · É um vencedor que fala por enigmas:  
está aqui e está longe, ao mesmo tempo.

De que modo entender essa embrulhada?

**TALBOT** · Vou mostrar-vos já, já.

*(Sopra na trompa. Ouve-se toque  
de tambor e, logo após, uma descarga.  
Os portões são arrombados; entram soldados.)*

Então, senhora,

que dizeis disso? Não estais convicta  
de que Talbot é a sombra de si próprio?

Eis a sua substância, a força, os braços  
e os tendões. É com isto que ele ao jugo  
os pescoços de vossa gente obriga  
e vos arrasa os burgos, e as cidades  
vos submete, deixando-as desoladas.

**CONDESSA** · Vitorioso Talbot, o erro perdoa-me;  
em tudo és digno, vejo-o, da alta fama,

que de muito te excede essa aparência.  
Não te zangues com meu atrevimento,  
pois estou desolada pela falta  
de reverência que mostrei, tratando-te  
de modo tão contrário ao que mereces.

**TALBOT** · Não vos amotineis, graciosa dama;  
não quero que Talbot vos desiluda  
no que concerne ao espírito, tal como  
sobre a forma do corpo o fez há pouco.  
Vossos atos em nada me ofenderam.

Outra satisfação de vós não peço  
senão, com vosso agrado, ser-nos dado  
provar do vosso vinho e vera espécie  
de iguarias que tendes, porque o estômago  
do soldado está sempre bem-disposto.

**CONDESSA** · De todo o coração. E podeis crer-me  
que muito honrada estou por ter agora  
no castelo um guerreiro tão famoso.

*(Saem.)*

## Ato II · Cena IV

*Londres. O jardim do templo.*

*Entram os Condes de Somerset, Suffolk e Warwick;  
Ricardo Plantageneta, Vernon e um jurista.*

**PLANTAGENETA** ·

Que quer dizer este silêncio, ilustres  
nobres e gentis-homens? Ninguém ousa  
falar, quando se trata da verdade?

**SUFFOLK** · No templo tudo repercute muito;  
acho o jardim lugar mais conveniente.

**PLANTAGENETA** · Ora dizei-me se eu falei verdade,  
ou se o erro é do bulhento Somerset.

**SUFFOLK** · Sempre fui estudante preguiçoso  
no que respeita à lei; por não ter nunca  
podido submeter-me ao seu talante,  
obriguei-a a dobrar-se a meus caprichos.

**SOMERSET** · Sereis, então, Lorde Warwick, o juiz.

**WARWICK** · Dos falcões, qual se libra a mor altura;  
dos cachorros, qual uiva com mais força;  
dos corcéis, qual tem marcha mais macia;  
das jovens, qual é de olhos mais brilhantes...

É possível que em todos esses casos  
eu decida com algum conhecimento;

mas em julgar coisas sutis não caio;  
sou tão bisonho nisto como um gaio.

**PLANTAGENETA** · Isso é modo elegante de esquivar-se.  
A nudez da verdade é tão patente  
do meu lado, que até vista de míope  
poderá discerni-la sem trabalho.

**SOMERSET** · E tão ataviada ela se encontra  
do meu lado, tão clara e reluzente,  
que até vista de cego pode vê-la.

**PLANTAGENETA** ·

Pois que sois assim parcos de discursos,  
revelai por sinais o pensamento:

que todo verdadeiro gentil-homem,  
zeloso de seus títulos nativos,  
se estiver convencido do que eu disse,  
colha uma rosa branca, como o faço.

**SOMERSET** · Pois quem não for adúlador e fraco  
e ousar ficar do lado da verdade,  
tire destes espinhos uma rosa  
vermelha, como o faço.

**WARWICK** · Não me agradam  
corantes; sem as cores da lisonja  
rastejante e jeitosa, eu me decido

por uma rosa branca, justamente como Plantageneta deu o exemplo.

**SUFFOLK** · E eu apanho uma rosa rubra, como o jovem Somerset, por estar certo de que ele em tudo se acha com a verdade.

**VERNON** · Parai de colher flores, meus senhores; não prossigais sem decidirdes antes que o lado que ficar com menos rosas à opinião do adversário se submete.

**SOMERSET** ·

Meu bom mestre Vernon, bem observado; se menos eu tiver, quieto subscrevo.

**PLANTAGENETA** · Eu também.

**VERNON** · Então, em nome da verdade, como da evidência da causa, esta flor pálida e virginal eu colho, decidindo-me, desta maneira, pela rosa branca.

**SOMERSET** · Cuidado! Não te piques ao colhê-la, porque teu sangue não transforme a rosa branca em rosa vermelha, o que faria ficares do meu lado a contragosto.

**VERNON** · Se por minha opinião eu perder sangue, milorde, essa opinião será meu médico, para curar-me logo e, assim, deixar-me do lado em que me encontro por vontade.

**SOMERSET** · Bem; vamos. Quem mais quer?

**O JURISTA** (*a Somerset*) ·

Se meus livros e o estudo não me enganam, as razões que aduzis não vos amparam.

Por isso, eu colho uma das rosas brancas.

**PLANTAGENETA** ·

E agora, Somerset, onde se encontra vosso argumento?

**SOMERSET** · Aqui, nesta bainha, pensando na maneira por que possa deixar tinta de sangue a rosa branca.

**PLANTAGENETA** · Nas faces, enquanto isso, falsificas a cor de nossas rosas, pois se encontram descoradas de medo, em testemunho de que a verdade está do nosso lado.

**SOMERSET** · Perdão, Plantageneta, não de medo, mas de cólera, à vista dessas faces

que imitam nossas rosas e se tornam vermelhas de vergonha. Apesar disso,

não te confessa a língua o erro em que te achas.

**PLANTAGENETA** · Tua rosa não tem bicho, Somerset?

**SOMERSET** · Plantageneta, a tua tem espinhos?

**PLANTAGENETA** ·

Sim, possui um, pontudo e de bom corte, com que eu defenda o meu direito, ao passo que a tua nutre o bicho da mentira.

**SOMERSET** ·

Hei de, certo, encontrar amigos que usem minha rosa de sangue e que sustentem a verdade de tudo quanto eu disse, sendo que tu, Plantageneta hipócrita, correrás com vergonha de ser visto.

**PLANTAGENETA** · Por esta rosa virginal que tenho na mão, eu te desprezo e aos teus comparsas, rapazinho teimoso.

**SUFFOLK** · Não dirijas, Plantageneta, para nós o escárnio.

**PLANTAGENETA** ·

Faço-o, Pole orgulhoso; eu vos desprezo a ambos sem distinção.

**SUFFOLK** · A minha parte hei de enfiar-te no peito.

**SOMERSET** · Basta, basta, bom William de la Pole; conferimos muita honra a este labrego, discutindo com ele tanto tempo.

**WARWICK** · Por Deus, é ser injusto, Somerset.

O avô dele era o Duque de Clarence, Lionel, terceiro filho do terceiro Eduardo da Inglaterra. De raízes tão fundas brotam rústicos sem títulos?

**PLANTAGENETA** · Ele é aproveitador dos privilégios do lugar. Não fora isso, o peito fraco não lhe permitiria dizer nada.

**SOMERSET** · Por quem me deu à luz, hei de a palavra sustentar em qualquer parte de nossa cristandade. Teu pai, Ricardo, Conde de Cambridge, não foi executado como traidor, no tempo do rei morto?

E essa traição não te atingiu, manchando-te, corrompendo-te e excluindo-te do quadro da nobreza da terra? Ainda carregas no sangue mancha do seu ato ignóbil.

És um labrego, até que não te limpes.

**PLANTAGENETA** · Acusaram meu pai, porém contra ele nada ficou provado. Muito embora, de fato, o houvessem condenado à morte como traidor, traidor não foi, jamais,

e isso eu sustentarei contra pessoas de títulos melhores que os do próprio Somerset, quando o tempo, no seu curso, madurar meu desejo. Quanto ao vosso comparsa Pole, e a vós, hei de inscrever-vos no livro da memória, a fim de dar-vos o castigo por esta afronta de hoje. Que vos acauteleis é o que vos digo.

**SOMERSET** ·

Pois que seja; estaremos sempre prontos e hás de reconhecer-nos como amigos por esta cor que, a teu mau grado, havemos de trazer sempre.

**PLANTAGENETA** · Por minha alma, eu juro que, em sinal do meu ódio sanguínário, eu levarei, como do meu partido, sempre uma rosa pálida e colérica, até murchar comigo no meu túmulo ou florescer na altura do meu posto.

**SUFFOLK** · Continua, até seres asfixiado pela própria ambição. E agora, adeus, até que eu venha a te encontrar de novo.

(*Sai.*)

**SOMERSET** · Eu te acompanho, Pole. Passai bem, ambicioso Ricardo.

(*Sai.*)

**PLANTAGENETA** · Que de afrontas sou forçado a agüentar sem fazer nada!  
**WARWICK** · A mancha que eles atiraram contra vossa casa há de ser limpa no próximo parlamento, chamado para as tréguas entre Winchester e Gloster. Se não fores nessa ocasião criado Duque de York, renuncio ao meu título de Warwick.

Enquanto espero e como testemunho do amor que te dedico e do ódio imenso ao orgulhoso Somerset e a William de la Pole, contigo uso esta rosa, profetizando que a disputa que hoje criou no jardim do templo os dois partidos vai mandar, de uma rosa e de outra rosa, mil almas para a Morte tenebrosa.

**PLANTAGENETA** ·

Meu bom mestre Vernon, fico-vos grato por terdes minha flor também colhido.

**VERNON** · Que hei de sempre trazer para louvar-vos.

**O JURISTA** · O mesmo farei eu.

**PLANTAGENETA** · Obrigado, senhores.

Ora vamos jantar, sem mais loqüela; vai custar muito sangue esta querela.

(*Saem.*)

## *Ato II* · Cena V

*Londres. Um quarto na Torre.*

*Entra Mortimer, carregado por dois carcereiros, numa cadeira de braços.*

**MORTIMER** · Cuidadosos guardiões da minha fraca velhice, ora deixai que o moribundo Mortimer fique aqui. Como pessoa retirada do potro do suplício, sinto os membros, após prisão tão longa. Estes cabelos brancos, mensageiros da Morte, envelhecidos em cuidados, como o idoso Nestor, o fim de Edmundo Mortimer já proclamam. Estes olhos, como lâmpadas de óleo desperdiçado, já se tornaram foscas, sinal certo de estar chegando o fim; os ombros débeis

se curvam sob o fardo das agruras; os braços dessangrados se assemelham a vinha que no solo arrasta os ramos sem seiva e sem vigor. Os pés, contudo, entorpecidos da inação forçada, não mais podendo suportar o peso desta pouca de argila, asas revelam do anelo do sepulcro, por saberem que me falece outro qualquer recurso. Mas meu sobrinho, carcereiro? Vem?

**PRIMEIRO CARCEREIRO** ·

Senhor, Plantageneta está em caminho; mandamo-lo chamar no quarto dele, no templo. Respondeu-nos que viria, sem demora, aqui ter.

**MORTIMER** · É o suficiente.

Com isso vai rejubilar minha alma.  
 Pobre rapaz! Sofreu, como eu, afrontas.  
 Dês que Henrique Monmouth foi coroado,  
 antes de cuja glória eu era tido  
 como grande nas armas, vivo nesta  
 seqüestração odiosa, ao mesmo tempo  
 que Ricardo passou para a penumbra,  
 privado de suas honras e da herança.  
 No entanto, agora, o juiz do desespero,  
 a Morte, árbitro equânime de todas  
 as misérias humanas, vai soltar-me,  
 concedendo-me a doce liberdade.  
 Desejara que o fim de seus cuidados,  
 também, fosse chegado, para que ele  
 pudesse recobrar lodo o perdido.

*(Entra Ricardo Plantageneta.)*

**PRIMEIRO CARCEREIRO** ·

Vosso amado sobrinho vem chegando,  
 milorde.

**MORTIMER** · Meu amigo aí está, Ricardo  
 Plantageneta?

**PLANTAGENETA** · Sim, meu nobre tio;  
 ofendido por modo ignominioso,  
 chega vosso sobrinho, este Ricardo,  
 com recentes injúrias.

**MORTIMER** · Põe-me os braços  
 de modo que cingir-lhe o colo eu possa,  
 e exalar-lhe no seio o último alento.  
 Avisa-me no instante em que meus lábios  
 lhe tocarem no rosto, porque um beijo  
 fraco, mas afetuoso, eu possa dar-lhe.  
 Ora, garfo gentil do grande tronco  
 de York, por que motivo te referes  
 a recentes injúrias?

**PLANTAGENETA** · O cansado  
 corpo apóia, primeiro, neste braço  
 para, mais à vontade, me escutares  
 todos os sofrimentos. Hoje eu tive  
 com Somerset uma disputa acerba.  
 Na acalorada troca de palavras  
 fez ele uso da língua extravagante,  
 ao rosto me lançando a triste morte  
 de meu pai. A censura me pôs trancas  
 na boca; do contrário, eu lhe teria  
 à justa revidado. Por tudo isso,  
 meu tio, em nome de meu pai e da honra  
 de um leal Plantageneta, de nós todos,

dizei-me a causa de haver sido o Conde  
 de Cambridge, meu pai, decapitado.

**MORTIMER** · A causa de eu ser preso, meu sobrinho,  
 e haver passado toda a florescente  
 mocidade num cárcere nojoso,  
 para aí definhar, foi o instrumento  
 maldito de sua morte.

**PLANTAGENETA** · Minuciosa  
 explicação te peço dessa causa,  
 que eu nada sei, nem faço conjeturas.

**MORTIMER** · Di-lo-ei, se o permitir o sopro exíguo  
 e a morte não me vier sem que eu termine.

O avô do rei atual, Henrique quarto,  
 depôs Ricardo, seu sobrinho, filho  
 de Eduardo, primogênito e legítimo  
 de Eduardo, rei, terceiro dessa série.

Mas os Percys do norte, parecendo-lhes  
 injusta a usurpação, um movimento  
 tentaram para ao trono me levarem.  
 Baseavam-se os fidalgos belicosos  
 no seguinte argumento: uma vez morto,  
 sem herdeiro direto, o Rei Ricardo,  
 quem mais perto do trono ficaria,  
 por parentesco e sangue, era eu, pois minha  
 mãe me ligava ao Duque de Clarence,  
 Lionel, filho terceiro do terceiro  
 Eduardo, sendo que ele vinha apenas  
 do quarto garfo desse tronco heróico,  
 João de Gaunt. Observa ora o que segue:  
 enquanto nessa grande e ativa empresa  
 tentavam eles pôr no trono o herdeiro  
 legítimo, eu perdia a liberdade  
 e eles a vida. Decorridos anos,  
 reinando Henrique quinto, após a morte  
 de seu pai Bolingbroke, o teu saudoso  
 pai, Duque de Clarence, que de Edmundo  
 Langley provinha, o grande Duque de York,  
 tendo esposado minha irmã, tua mãe,  
 de meu grande sofrer compadecido,  
 reuniu forças, visando a libertar-me  
 e a fronte me adornar com o diadema.  
 Mas, como os outros, foi o nobre conde  
 também decapitado. Assim ficaram  
 os Mortimer, extintos, que podiam  
 aspirar, com direito, à sucessão.

**PLANTAGENETA** ·

Dos quais Vossa Honra é o último, milorde.

**MORTIMER** ·

Certo. Mas, como vês, não deixo filhos e minha voz truncada inculca morte.

És meu herdeiro; o resto é só contigo; mas sê prudente em tudo o que fizeres.

**PLANTAGENETA** ·

Jamais esquecerei esses conselhos.

Mas agora reflito que a sentença dada contra meu pai foi simplesmente ato de sanguinária tirania.

**MORTIMER** · Sobrinho, sem falar faze política.

A casa de Lencastre se acha fixa mais do que uma montanha; é inabalável.

Ora o teu tio vai mudar de pouso, tal como os reis o fazem com suas cortes, quando lhes chega o enfado, após ficarem parados muito tempo num só ponto.

**PLANTAGENETA** ·

Se eu pudesse, meu tio, com uma parte de minha mocidade comprar esse curso assaz apressado da velhice!

**MORTIMER** · Serias para mim como o açougueiro que multiplica os golpes, quando fora fácil tirar a vida com um somente.

Não chores, se o meu bem não te entristece.

Dá ordem, simplesmente, para o enterro.

E assim, adeus; que tudo te sorria; sê próspero, na paz como na guerra.

(*Morre.*)

**PLANTAGENETA** ·

Que tenha paz, não guerra, tua alma nobre no instante de partir. Naquele cárcere tua existência inteira consumiste, como eremita os dias aí passando.

Sim, vou trancar no peito o seu conselho: nada direi, nem mesmo em frente ao espelho.

Carcereiros, levai-o daqui logo.

Eu próprio vou prover para que tenha melhor enterro do que vida teve.

(*Saem os carcereiros, carregando o corpo de Mortimer.*)

Assim, a fosca tocha deste Mortimer se extinguiu, abafada sob o peso das ambições de seres inferiores.

Quanto às injúrias e as ofensas todas lançadas contra os meus por Somerset, não duvido: hei de obter condigna e plena reparação. E agora, ao parlamento, ou para ver-me ao sangue reintegrado, ou transformar em bem o averso fado.

(*Sai.*)

## Ato III · Cena I

*Londres. Casa do parlamento.*

*Clarins. Entram o Rei Henrique, Exeter, Gloster, Warwick, Somerset e Suffolk; o Bispo de Winchester, Ricardo Plantageneta e outros. Gloster faz menção de entregar ao rei um memorial; Winchester lbo arrebatada rasga.*

**WINCHESTER** · Trazes linhas assim premeditadas, panfletos com cuidado redigidos, Humphrey de Gloster? Se acusar-me queres, ou contra mim tramar alguma coisa, faze-o espontaneamente, sem rebuços, como eu falar pretendo, contestando-te os argumentos todos, de improviso.

**GLOSTER** · Oh padre estulto! Este lugar me inculca paciência. A não ser isso, eu te faria sentir até que ponto me insultaste.

Não penses que, por ter eu preterido escrever a falar sobre teus crimes abomináveis, haja em qualquer ponto deturpado a verdade, ou que não possa *verbatim* repetir, inteiro, o escrito.

Não, prelado! A maldade que estadeias é de tal imprudência, tão pestíferos e lascivos teus planos de discórdia, que até as crianças glosam teu orgulho. Não passas de usurário pernicioso, inimigo da paz, naturalmente maldoso, mais lascivo e dissoluto do que se esperaria de pessoa de tua situação e de teu posto.

Quanto à tua traição, que há de mais claro? Patenteia-se em todas as ciladas que contra a minha vida arquitetaste,

a da Ponte de Londres, e a da Torre.

Se fôssemos sondar-te os pensamentos,  
receio que até o rei, teu soberano,  
viria a cair presa da malícia  
invejosa que te infla o coração.

**WINCHESTER** · Desafio-te, Gloster! Concedei-me,  
senhores, à defesa, ouvido atento.

Se eu sou o que ele diz, perverso, torpe,  
ambicioso, por que vivo assim tão pobre?

E como há de explicar-se que eu não cuide  
de prosperar ou de auferir proventos,  
sempre adstrito às minhas ordinárias  
obrigações? No que respeita à pecha  
de turbulento, quem, como eu, se mostra  
mais amigo da paz, naturalmente,  
quando não provocado? Não, milordes,  
meu crime é outro; a causa de irritar-se  
de tal maneira o duque, é não se ver  
sozinho no governo. Ele, somente,  
deveria estar junto do monarca.

Esse o motivo dos trovões, senhores,  
que no peito lhe roncam, incitando-o  
a rugir contra mim tantas diatribes.

Mas há de ver que eu sou tão bom...

**GLOSTER** · Tão bom?  
tu, que és de meu avô simples bastardo?

**WINCHESTER** · Oh senhor importante! Por obséquio,  
que sois mais do que um tipo prepotente  
em um alheio trono?

**GLOSTER** · Por acaso  
não sou eu o protetor, padre lascivo?

**WINCHESTER** ·

E um prelado eu não sou da santa Igreja?

**GLOSTER** · Como um proscrito, sim, que se apodera  
de um castelo, onde esconde os próprios roubos.

**WINCHESTER** · Gloster irreverente!

**GLOSTER** · Reverendo  
és nas funções, apenas, não na vida.

**WINCHESTER** ·

Para isso Roma há de prover os meios.

**GLOSTER** · Vai lá, em romaria.

**SOMERSET** · Deveríeis  
comedir-vos, milorde.

**WARWICK** · Vede apenas  
que o bispo não exceda seus limites.

**SOMERSET** · Penso que deveríeis ser mais pio,  
reconhecendo o que à função compete.

**WARWICK** · E eu quero crer que Sua Senhoria  
deveria mostrar-se mais humilde.

Não vão bem tais maneiras a um prelado.

**SOMERSET** ·

Vão bem, quando o seu posto sacrossanto  
se vê tratado assim com tal desprezo.

**WARWICK** · Sacrossanto ou profano, a que isso agora?  
Não é Sua Graça o protetor do rei?

**PLANTAGENETA** (*à parte*) ·

Plantageneta, importa que te cales,  
para não se dizer: “Falai somente  
quando fordes chamado. Acaso pode  
vossa altiva opinião ser atendida,  
quando os nobres discutem?” Não fora isso,  
contra Winchester jogara o meu sarcasmo.

**REI HENRIQUE** ·

Tios de Winchester e de Gloster, guardas  
especiais da Inglaterra; desejava,  
se minhas preces fossem eficazes,  
em amor e amizade conciliar-vos.  
Constitui para o reino grande escândalo  
dois fidalgos tão nobres digladiarem.  
Podeis crer-me, milordes, que até os anos  
inexperientes dizem que as discórdias  
intestinas são víboras nocivas  
que por dentro destroem a causa pública.

(*Ouvem-se gritos de: “Abaixo os uniformes amarelos!”*)

Que barulho é esse?

**WARWICK** · Alguma rixa, aposto,  
nascida da malícia dos do bispo.

(*Novos gritos de: “Pedras! Pedras!”*)

(*Entra o prefeito de Londres, com escolta.*)

**PREFEITO** ·

Oh meus bons lordes, meu virtuoso Henrique!

tende pena de Londres e do povo!

Porque estavam proibidos de usar armas,  
tanto os homens do bispo como a gente  
do partido de Gloster, bolsos cheios  
de pedras, em dois campos divididos,  
com tal fúria uns aos outros as cabeças  
apedrejaram, que o leviano cérebro  
de alguns arrebentou. Por essas ruas  
só se vêem estilhaços de vidraças  
de janelas, razão por que ficamos  
forçados a fechar as nossas lojas.

(*Entram, a lutar, com as cabeças ensanguentadas, os  
homens de Gloster e de Winchester.*)

**REI HENRIQUE** ·

Intimo-vos, em nome da obediência que me deveis, a vos absterdes desse morticínio e a firmardes amizade.

Por favor, tio Gloster, acalmai-os.

**PRIMEIRO CRIADO** ·

Se nos proibirem pedras, brigaremos a dentadas.

**SEGUNDO CRIADO** · Fazei como quiserdes, que estamos de igual modo resolvidos.

**GLOSTER** · Homens da minha casa, tomai tento!

Deixai dessa contenda mais que tola.

**TERCEIRO CRIADO** ·

Milorde, todos nós sabemos quanto Vossa Graça é direito e justiceiro, e que só cede a Sua Majestade na realeza do berço. E antes de vermos um príncipe tão grande, um pai bondoso da república assim tão maltratado por essa gente que usa pena e tinta, lutaremos, ao lado das esposas e dos filhos, até que os adversários nos reduzam os corpos a pedaços.

**PRIMEIRO CRIADO** ·

Quando estivermos mortos, as aparas de nossas unhas cavarão os campos.

*(Tornam a engalfinbar-se.)*

**GLOSTER** · Parai, parai, vos digo!

Se me tendes amor, como o afirmastes, escutai-me e abstende-vos de brigas.

**REI HENRIQUE** ·

Como essas rixas a alma me compungem!

Lorde de Winchester, como indiferente

ficais, vendo-me em lágrimas desfeito?

Se não só vós, quem mais será piedoso?

Quem há de promover a paz, se os homens

da Igreja se comprazem com a discórdia?

**WARWICK** · Cedei, milorde protetor! Cedei

Winchester! Salvo se quereis com essa

recusa desgraçar vosso monarca

juntamente com o reino. Estão patentes

os males, sim, os crimes de homicídio

decorrentes de vossa inimizade.

Acalmai-vos, portanto, se não tendes sede de sangue.

**WINCHESTER** · Ceda ele primeiro,

que eu jamais me rebaixo.

**GLOSTER** · Por piedade do rei, vou dar o exemplo. Não fora isso, e desse padre o coração tirara antes de vir a lhe ceder terreno.

**WARWICK** ·

Lorde de Winchester, vede como o duque já baniu para longe a fúria e a cólera descontentes; a fronte lisa o mostra.

Por que, então, esse olhar tão duro e trágico?

**GLOSTER** · Winchester, está bem; a mão te estendo.

**REI HENRIQUE** · Ora, tio Beaufort, já vos ouvira

pregar sobre o rancor, que condenáveis

como pecado grave. Ireis agora

desmentir vosso próprio ensinamento,

contumaz vos mostrando nesse ponto?

**WARWICK** · Bondoso soberano, é muito justa

essa vossa censura. Envergonhai-vos,

milorde! Cedei logo! Há de ensinar-vos

uma criança o que deveis fazer?

**WINCHESTER** · Duque de Gloster, seja! Retribuo-vos a amizade; esta mão vos assegura.

**GLOSTER** *(à parte)* ·

Sim, mas receio muito que em tudo isso

não entre o coração. Caros amigos

e compatriotas! Sirva de bandeira

de tréguas esta marca, entre nós próprios

e nossos partidários. Deus me ampare

por eu ter sido em meu falar sincero.

**WINCHESTER** ·

Deus me ampare, se eu penso em ser sincero.

**REI HENRIQUE** · Bravo Duque de Gloster, caro tio,

que alegria me causa esse contrato!

Amigos, acabaram-se as disputas.

Reconciliai-vos, como os vossos amos.

**PRIMEIRO CRIADO** ·

Seja! Vou procurar um cirurgião.

**SEGUNDO CRIADO** ·

Eu também.

**TERCEIRO CRIADO** ·

E eu vou ver se encontro médico

numa boa taberna.

*(Saem o prefeito, criados, etc.)*

**WARWICK** · Recebi esta folha, meu gracioso

soberano, que, em nome do direito

de Ricardo Plantageneta

pomos nas mãos de Vossa Majestade.

**GLOSTER** ·

Lorde Warwick, muito bem! Bondoso príncipe,

se observar Vossa Graça as circunstâncias todas do caso, há de encontrar motivos para dar a Ricardo o seu direito, máxime pelas causas que eu em Eltham com mais vagar já expus a Vossa Graça.

**REI HENRIQUE** ·

Essas causas, bom tio, eram de peso. Por isso, caros lordes, nosso alvitre decide que Ricardo seja ao sangue reintegrado dos seus.

**WARWICK** · Ao próprio sangue seja ele reintegrado, como justa recompensa de quanto ao pai foi feito.

**WINCHESTER** ·

Winchester não discorda dos presentes.

**REI HENRIQUE** ·

Se Ricardo for fiel, não isso apenas será dele, mas quanto por herança pertence à casa de York, de onde em linha direta descendeis.

**PLANTAGENETA** · O servo humilde vos protesta obediência, prometendo de grado vos servir, enquanto vivo.

**REI HENRIQUE** ·

Abaixai-vos, entanto, e o pé tocai-me com o joelho, e em recompensa desse preito de homenagem, à espada valorosa vos cinjo dos de York. Levantai-vos, como um Plantageneta, bom Ricardo; levantai-vos criado Duque de York.

**PLANTAGENETA** ·

Que Ricardo prospere e abaixem vossos inimigos. E assim como se eleve minha fortuna, morram quantos ousem murmurar contra Vossa Majestade.

**TODOS** · Salve o grande fidalgo, o poderoso Duque de York!

**SOMERSET** (*à parte*) · Pereça o abjeto príncipe, o ignóbil Duque de York!

**GLOSTER** · Fora só de vantagem para Vossa Graça cortar o mar e ir até à França, para lá ser coroado. O simples fato da presença do rei aumenta o afeto dos amigos leais e de seus súditos, bem como desanima os inimigos.

**REI HENRIQUE** ·

O parecer de Gloster é uma ordem para o rei. Um conselho de amizade destrói muitos inimigos.

**GLOSTER** · Os navios de Vossa Majestade já estão prontos.

(*Clarins. Saem todos, com exceção de Exeter.*)

**EXETER** · Ir à França ou pisar na pátria é o mesmo, se não podemos ver o que é provável nos melhora o destino. Essa recente briga dos pares arde sob as cinzas fingidas de uma falsa cortesia, mas vai logo explodir em chama ardente. Como os membros aos poucos apodrecem até caírem nervos, carnes e ossos: assim vai dar-se com esta vil discórdia. Ora receio venha a realizar-se a fatal profecia que no tempo de Henrique quinto andava até na boca das crianças de peito: que um Henrique de Monmouth chegaria a ganhar tudo, e um Henrique nascido em Windsor, tudo chegaria a perder, o que é tão claro que Exeter só deseja que seus dias terminem antes dessa triste idade.

(*Sai.*)

## Ato III · Cena II

*França. Diante de Ruão.*

*Entram Joana la Pucelle, disfarçada, e soldados, em trajos de camponeses, com sacos às costas.*

**JOANA** · Eis a porta de Ruão, que nossa astúcia precisa derrubar. Tomai cuidado

no modo de empregardes as palavras; falai como pessoas que se reúnem na praça do mercado, para o trigo vender por bom dinheiro. Se obtivermos entrada, como o espero, por acharmos as sentinelas fracas e indolentes,

farei sinal aos nossos companheiros  
para o ataque de Carlos, o delfim.

**PRIMEIRO SOLDADO** ·

Os sacos vão servir-nos para o saque  
da cidade, fazendo-nos senhores  
de Ruão. Batamos logo.

(Batem.)

**GUARDA** (dentro) · Qui est là?

**JOANA** · Paysans, pauvres gens de France;  
gente que vem à feira vender trigo.

**GUARDA** (abrindo as portas) ·

Entra; já soou o sino do mercado.

**JOANA** · Vou derrubar-te, Ruão, as fortalezas.

(Joana la Pucelle, etc. penetram na cidade.)

(Entram Carlos, o bastardo de Orleans, Alençon e tropas.)

**CARLOS** · Abençoe-nos o plano São Dionísio,  
para que consigamos novamente  
dormir calmos em Ruão.

**O BASTARDO** · Por este ponto  
foi que a Pucela entrou com seus sequazes.

Mas, uma vez lá dentro, de que modo  
se arranjará para indicar o meio

mais seguro e melhor de a acompanharmos?

**ALENÇON** · Atirando uma tocha ali da torre.

Entenderá com isso prevenir-nos

de que a passagem se acha mal guardada.

(Aparece a Pucela em uma das ameias,  
sustentando uma tocha acesa.)

**JOANA** · Eis a tocha nupcial, de bons auspícios  
para Ruão, de par com os patriotas,  
mas de edaz fogo para os talbotistas.

(Sai.)

**O BASTARDO** · Eis ali, nobre Carlos; nossa amiga  
nos envia o sinal do alto da torre.

**CARLOS** · Brilha como o cometa da vingança  
que profetiza a ruína aos inimigos.

**ALENÇON** · Nada de perder tempo. Acabam sempre  
mal as indecisões. Entremos todos  
aos gritos de "O delfim!" e exterminemos  
quantos guardas acharmos no caminho.

(Entram na cidade.)

(Alarma. Entra Talbot com alguns soldados.)

**TALBOT** ·

França, ainda há de pagar com muitas lágrimas  
esta traição, se à tua felonia

Talbot sobreviver. Essa maldita  
feiticeira, a Pucela, bruxa infame,

os planos infernais com tal segredo  
soube tecer, que mal nos foi possível  
escapar de cair presa de França.

(Sai.)

(Alarma. Movimento de tropas. Trazido da cidade,  
doente, em uma cadeira, entra Bedford; entram Talbot  
e Borgonha, com soldados ingleses; depois, por cima dos  
muros, aparecem Joana la Pucelle, Carlos, o bastardo de  
Orleans, Alençon e outros.)

**JOANA** · Bom dia, meus valentes. Tendes falta  
de trigo para pão? Penso que o Duque  
de Borgonha terá de jejuar muito  
antes de comprar outro por tal preço.

Continha muito joio? E o gosto, bom?

**BORGONHA** ·

Podés chasquear de nós, rameira imunda,  
demônio sem pudor. Hei de asfixiar-te  
sob o teu trigo, até que te arrependas  
da colheita alcançada.

**CARLOS** · Vossa Graça  
até lá poderá morrer de fome.

**BEDFORD** ·

Vinguemo-nos com feitos, não com frases.

**JOANA** · Que pretendes fazer, barba cinzenta?

Quebrar algumas lanças, num torneio  
de morte, assim chumbado na cadeira?

**TALBOT** · Bruxa imunda da França, repelente  
demônio, acompanhada por amantes  
impudicos, arrogas-te o direito  
de insultar a velhice valorosa  
e tachar de covarde um moribundo?

Donzela, ainda hei de dar-te algum trabalho,  
ou Talbot de vergonha a morrer venha.

**JOANA** · Tão quente, meu senhor? Calma, Pucela;  
quando Talbot tropeja, é que vem chuva.

(Talbot fala baixo com os do seu grupo.)

Deus faça prosperar o parlamento.

Quem vai ser o orador?

**TALBOT** · Tereis coragem  
de vir nos encontrar aqui no campo?

**JOANA** · Vejo que Vossa Senhoria julga  
que nós somos dementes. Ninguém briga  
para alcançar o que já é seu, de tato.

**TALBOT** · Não me refiro a essa Hécate rilhenta,  
mas a ti, Alençon, e aos outros todos;  
quereis combater fora, corpo a corpo,  
como a soldados cumpre?

**ALENÇON** · Signior, no.  
**TALBOT** · Signior, a força! Baixos carroceiros da França! Eles se postam nas muralhas como campônios fracos, sem ousarem pegar em armas como gentis-homens.  
**JOANA** · Capitães, retiremo-nos; os olhos de Talbot não inculcam boa coisa.  
 Deus vos guarde, milorde; só queríamos dizer-vos que já estamos aqui dentro.  
*(A Pucela e os demais se retiram.)*

**TALBOT** · Não demora e também nós aí estaremos, se a fama de Talbot não for fictícia.  
 Jura, Borgonha, pelo nome honrado de tua casa, ofendido pela França publicamente, que hás de entrar de novo na cidade ou aí deixar a vida.  
 Por meu lado, tão certo como Henrique da Inglaterra ainda vive, e por ter sido seu pai conquistador desta cidade, tão certo como estar dentro dos muros, que por traição perdemos, enterrado o coração do nosso valoroso Coração-de-Leão, juro a cidade reconquistar ou aí deixar a vida.

**BORGONHA** · Meu voto corresponde ao que fizeste.

**TALBOT** · Antes de irmos, cuidemos deste bravo, o quase morto Duque de Bedford.  
 Vinde, milorde, vamos transportar-vos para um lugar melhor, mais condizente com vossos anos fracos e achacosos.

**BEDFORD** · Não me humilheis, Lorde Talbot; desejo continuar como estou, sentado diante da cidade de Ruão, para que tome parte em vossos pesares e alegrias.

**BORGONHA** · Bravo Bedford, deveis anuir a isso.

**BEDFORD** · Quero ficar; ocorre-me ter lido que o altivo Pendragon foi carregado, doente, em sua liteira, para o campo de batalha e venceu os inimigos.  
 Penso que eu poderia dar mais ânimo aos nossos combatentes, inflamando-lhes o coração, por tê-los sempre achado como eu em qualquer transe.

**TALBOT** · Oh força indômita de um peito moribundo! Pois que seja! Possa o céu conservar Bedford com vida!

E ora, bravo Borgonha, sem mais perda de tempo congreguemos nossas forças e ataquemos o imigo jactancioso.

*(Saem todos, com exceção de Bedford e seus homens.)*  
*(Alarma. Movimento de tropas. Entram Sir John Fastolfe e um capitão.)*

**CAPITÃO** ·

Sir John Fastolfe, tanta pressa! Aonde ides?

**FASTOLFE** · Aonde vou? Vou salvar a pele; estamos na iminência de nova derrocada.

**CAPITÃO** · Fugis, deixando aqui Lorde Talbot?

**FASTOLFE** · Contanto que eu me salve, pouca mossa me fazem todos os Talbots do mundo.

*(Sai.)*

**CAPITÃO** · Covarde, a má fortuna te acompanhe!

*(Sai.)*

*(Retirada. Movimento de tropas. Tornam a entrar, do lado da cidade, Joana la Pucelle, Alençon, Carlos, etc., em fuga.)*

**BEDFORD** · Agora, alma tranqüila, te despede, quando o quiser o céu, pois estes olhos contemplaram a fuga do inimigo.

Em que consiste a resistência e o orgulho do homem, que nada vale? Os que até há pouco nos desprezavam com remoques, ora se julgam bem felizes, tão-somente por poderem salvar-se pela fuga.

*(Morre; é retirado na cadeira.)*

*(Alarma. Voltam Talbot, Borgonha e outros.)*

**TALBOT** · Perdida e recobrada num só dia!

A honra é dupla, Borgonha.

Cabe ao céu toda a glória deste feito.

**BORGONHA** · Talbot marcial e belicoso, o peito de Borgonha te serve de sacrário, onde ele vai construir um monumento em louvor de teus feitos altanados.

**TALBOT** · Gentil duque, obrigado. Mas dizei-me: onde se acha a Pucela? Seu demônio familiar, quero crer, está dormindo.

E o bastardo com suas valentias, e os dichotes de Carlos, em que deram? Como! Todos sem vida? A frente pende Ruão esfeita em tristeza pela perda de tão guapa e lustrosa companhia.

Ora cumpre tomar as providências mais urgentes, deixando na cidade oficiais de experiência comprovada.

Ao soberano, após, nos juntaremos,  
em Paris, onde o moço Henrique se acha,  
com a nobreza da corte.

**BORGONHA** · Quanto Lorde  
Talbot determinar, Borgonha aceita.

**TALBOT** · Mas antes de partirmos não esqueçamos  
o nobre Duque de Bedford, há pouco

falecido, e o enterremos aqui mesmo,  
na cidade de Ruão. Jamais fez uso  
de lança cavalheiro tão valente;  
mais gentil coração não se viu nunca.  
Mas nem dos reis a morte tem piedade;  
que esse é o fim da mesquinha humanidade.

(*Saem.*)

## Ato III · Cena III

*Planície nas proximidades de Ruão.*

*Entram Carlos, o bastardo de Orleans, Alençon, Joana la Pucelle e tropas.*

**JOANA** · Não vos intimideis por isso, príncipes,  
nem vos mostreis magoados por ter sido  
retomada Ruão pelos ingleses.

Cuidado, só, não cura, agrava as coisas  
para as quais não se pode achar remédio.

Deixemos que Talbot furioso exulte  
mais algum tempo e a cauda pavoneie,  
porque em breve haveremos de arrancar-lhe  
todas as penas e abater-lhe o orgulho,  
se o delfim e os demais me obedecerem.

**CARLOS** · Fomos por ti guiados até agora,  
sem que suspeita alguma ainda tivéssemos  
sobre o de que és capaz. Por um pequeno  
revés não perderemos a confiança.

**O BASTARDO** · Inventa planos de secreto alcance,  
e famosa hás de ser em todo o mundo.

**ALENÇON** · Em um lugar sagrado elevar-te-emos  
estátua e cultuar-te-emos como santa.

Auxilia-nos, pois, virgem graciosa.

**JOANA** · Que seja! Eis o que Joana decidiu:  
com palavras melosas e torneios  
persuasivos devemos esforçar-nos  
para que o Duque de Borgonha deixe  
Talbot e se disponha a nos seguir.

**CARLOS** · Oh coração! Se conseguirmos isso,  
deixa a França de ser lugar azado  
para os homens de Henrique. Esses ingleses  
vão parar de jactar-se à nossa custa,  
forçados a evacuar nossas províncias.

**ALENÇON** · Deverão ser expulsos para sempre,  
sem que lhes sobre aqui nenhum ducado.

**JOANA** · Hão de ver Vossas Honras meu trabalho  
para o bom fim levar a nossa empresa.

(*Ouve-se ao longe ruído de tambor.*)

Escutai! Pelo rufo dos tambores  
deduzo que eles vão para Paris.

(*Marcha inglesa; ao longe passa Talbot com tropas.*)

Eis Talbot com as bandeiras desfraldadas  
e após ele os guerreiros da Inglaterra.

(*Marcha francesa; entra o Duque de Borgonha, com tropas.*)

Na retaguarda o duque e os seus vêm vindo.  
A Fortuna dispôs que ele ficasse  
para trás; sugeri uma conferência  
porque possamos conversar com ele.

(*Toque para parlamentar.*)

**CARLOS** · Conferência com o Duque de Borgonha!

**BORGONHA** ·

Quem convida Borgonha a conferência?

**JOANA** · O real Carlos de França, teu patrício.

**BORGONHA** ·

Que queres, Carlos? Tenho de ir-me embora.

**CARLOS** · Fala, Pucela, e encanta-o com palavras.

**JOANA** · Borgonha valoroso, alta esperança  
da França, ora consente que tua serva  
te dirija a palavra; não te apresses.

**BORGONHA** · Fala, então, mas não sejas enfadonha.

**JOANA** · Contempla a fértil França, tua pátria;  
as cidades e as vilas vê destruídas  
pela devastação de cruel imigo.

Como olha a mãe o filho pequenino,  
quando a morte lhe cerra os tenros olhos,  
mira a doença da França moribunda,  
contempla estas feridas, as feridas  
mais contra a natureza, que tu próprio  
lhe fizeste no peito dolorido.

Oh! dirige a outra parte a tua espada cortadora! Vulnera os que te ofendem, não quem te traz auxílio Uma só gota do sangue de tua pátria deveria causar-te mais pesar do que torrentes arrancadas dos peitos inimigos. Volta, portanto, com efusão de lágrimas e limpa a tua pátria conspurcada.

**BORGONHA** · Ela me enfeitiçou com suas palavras ou a natureza me abrandou de súbito.

**JOANA** · Além do mais, a França inteira, todos os franceses te exprobram a conduta, duvidando de tua alta progênie.

A quem te aliaste? A um povo prepotente que só confia em ti por interesse.

Quando Talbot firmar o pé na França e tu te vires reduzido a um simples instrumento do mal, quem será o dono do país, a não ser o inglês Henrique, que te vai expulsar como a um perverso?

Reflete, ainda é tempo, e vê bem isto:

Não caiu prisioneiro dos ingleses teu inimigo, figadal, o Duque de Orleans? Pois bem, quando os ingleses viram

que ele era teu imigo, libertaram-no sem resgate nenhum, malgrado o nome de Borgonha e de todos seus amigos. Ora pois! Estás contra teus patrícios, ao lado dos que vão ser teus carrascos. Volta, nobre transviado, volta logo; Carlos e os outros te abrirão os braços.

**BORGONHA** · Estou vencido; essas palavras dignas o efeito em mim fizeram de bombardas rugidoras, a ponto de obrigarem-me, quase, a dobrar os joelhos. Compatriotas, pátria amada, perdoai-me. Meus senhores, aceitai este abraço mui sincero; meu poder, minhas forças, tudo é vosso. Adeus, Talbot; não mais confio em ti.

**JOANA** · Como um francês tal qual: virando sempre!

**CARLOS** · Valente duque, salve! Tua aliança nos reanima.

**O BASTARDO** · E nos torna corajosos.

**ALENÇON** · O papel da Pucela foi brilhante; ela merece uma coroa de ouro.

**CARLOS** · Reunamos, meus senhores, nossas forças para dano causar aos inimigos.

(*Saem.*)

## Ato III · Cena IV

*Paris. Uma sala no palácio.*

*Entram o Rei Henrique, Gloster, o Bispo de Winchester, York, Suffolk, Somerset, Warwick, Exeter, Vernon, Basset e outros. Ao encontro destes vem Talbot com seus soldados.*

**TALBOT** · Meu príncipe gracioso, honrados pares, à nova de que estáveis neste reino, dei tréguas, por momentos, aos combates a fim de vir saudar meu soberano, como penhor do que deixa este braço — que trouxe para vossa obediência cinquenta fortalezas, sete vilas defendidas por sólidas muralhas, doze cidades, e que fez quinhentos prisioneiros de prol — deixa este braço cair a espada aos pés de Vossa Alteza,

(*Ajoelha-se.*)

com a lealdade de um peito humilde e franco toda a glória atribuindo da conquista primeiro a Deus, depois a Vossa Graça.

**REI HENRIQUE** ·

Este não é Lorde Talbot, tio Gloster, que reside na França há muito tempo?

**GLOSTER** · Se não vos desagrade, Majestade.

**REI HENRIQUE** ·

Sede bem-vindo, heróico e vitorioso capitão! No meu tempo de criança — e velho ainda não sou — meu pai, me lembro, dizia nunca haver brandido espada campeão de mais valor. Vossa lealdade, há muito a apreciamos, vossos grandes serviços, as fadigas da campanha, sem que provado houvésseis até agora recompensa nenhuma, ainda que fossem os agradecimentos merecidos,

porque o rosto jamais vos contemplara.  
Por isso, levantai-vos; vossos grandes  
serviços vos granjearam ora o título,  
que vos damos, de Conde de Shrewsbury,  
Tomareis parte em nossa coroação.

*(Clarins. Saem todos, com exceção de Vernon e Basset.)*

**VERNON** · Agora vós, senhor, que vos mostrastes  
tão quente em pleno mar, fazendo pouco  
caso da cor que em honra do meu nobre  
Lorde de York eu ostento, ainda mantendes  
vosso primeiro dito?

**BASSET** · Sim, senhor,  
enquanto defenderdes o invejoso  
latido dessa língua malfazeja

que ataca o meu senhor, o nobre Duque de Somerset.  
**VERNON** · Dou a teu amo o apreço que merece.  
**BASSET** · Qual é? Não é melhor do que ele York.  
**VERNON** · Não? Escuta; em sinal, fica com isto.

*(Esbofeteia-o.)*

**BASSET** · Sabes, vilão, que pela lei das armas  
quem da espada sacar é um homem morto;  
não fora isso, esta injúria te custara  
muito sangue. Mas Sua Majestade  
ver-me-á dentro de breve a suplicar-lhe  
me conceda lavar-me desta afronta.

**VERNON** · Vai, miserável; juntos pediremos  
a licença almejada. Depois disso,  
te buscarei mais cedo do que pensas.

*(Saem.)*

## Ato IV · Cena I

*Paris. Sala de audiência.*

*Entram o Rei Henrique, Gloster, Exeter, York, Suffolk,  
Somerset, o Bispo de Winchester, Talbot, o governador de  
Paris e outros.*

**GLOSTER** · Colocai-lhe a coroa na cabeça,  
senhor bispo.

**WINCHESTER** · Deus salve o Rei Henrique,  
sexto de nome.

**GLOSTER** · Agora o juramento,  
governador.

*(O governador se ajoelha.)*

Jurai que a não ser ele,  
outro rei não tereis, que os seus amigos,  
tão-somente, serão vossos amigos,  
e que tereis como inimigo apenas  
quem se entregar a práticas funestas  
contra seu regimento. Fareis isso,  
assim Deus justiceiro vos ampare.

*(Sai o governador com o seu séquito.)*

*(Entra Sir John Fastolfe.)*

**FASTOLFE** · Gracioso rei, ao vir eu de Calais,  
depressa, para vossa coroação,  
entregaram-me em mãos uma missiva  
escrita pelo Duque de Borgonha  
para a Vossa Grandeza ser entregue.

**TALBOT** · Vergonha a ti e ao Duque de Borgonha!

Vil cavaleiro, eu fiz um juramento  
de que te arrancaria a jarreteira  
dessa perna covarde, quando o acaso  
me fizesse encontrar-te em meu caminho.

*(Arranca-lhe a jarreteira.)*

Assim o faço, por ver que não mereces  
tão alta dignidade. Nobre Henrique,  
e vós todos, perdoai-me. Na batalha  
de Patay, quando ao todo eu só contava  
com seis mil homens e os franceses eram  
quase dez vezes mais, este covarde,  
antes mesmo do encontro, sem que houvesse  
sido dado um só golpe, pôs-se em fuga  
como fiel escudeiro. Na refrega  
perdi mil e duzentos combatentes,  
além de termos sido, eu e outros nobres,  
envolvidos e feitos prisioneiros.  
Julgai agora, altos senhores; vede  
se tenho ou não razão, e se é possível  
usar este covarde o distintivo  
da ordem dos cavaleiros. Sim ou não?

**GLOSTER** · Para falar verdade, o ato é infamante,  
indigno de qualquer pessoa, máxime  
de um cavaleiro, um capitão, um chefe.  
**TALBOT** · Meus senhores, quando a ordem foi criada,  
escolhiam-se para cavaleiros  
da Jarreteira entre os de berço nobre,

os virtuosos e bravos, transbordantes de indômita coragem, de alta fama conquistada nos campos de batalha, os que sabiam desprezar a morte e trabalhos e riscos não temiam, mostrando-se extremados nos perigos. Quem não seja adornado de tais dotes usurpa simplesmente o sacrossanto nome de cavaleiro, profanando a ordem de mais nobreza, e bem merece — a ter valor meu voto nesse caso — ser degradado como vil labrego que, em uma sebe achado, se ufanasse de nascimento sublimado e nobre.

**REI HENRIQUE** · Vergonha dos ingleses, eis a tua sentença. Sai daqui sem mais delongas; já foste nobre. Sob pena de morte te banimos da corte.

(*Sai Fastolfe.*)

Ora, milorde

protetor, vamos ler a carta escrita por nosso tio, o Duque de Borgonha.

**GLOSTER** (*Examinando o sobrescrito.*) — Que quererá Sua Graça com a mudança de tratamento? Como! “Ao Rei”, somente, sem rodeio nenhum? Não mais se lembra de que é seu soberano? Ou porventura indica o sobrescrito assim grosseiro alteração também do signatário?

Mas que vejo? “Levado por motivos especiais, comovido ante as desgraças de minha pátria, à vista dos lamentos pungitivos causados pelas vossas opressões, decidido me retiro de vossa pernicioso companhia, para juntar-me a Carlos, o legítimo Rei da França.” Oh traição mais que monstruosa! Pode achar-se nas juras, na amizade, na aliança, tal perfídia e falsidade?

**REI HENRIQUE** · Revoltou-se meu tio de Borgonha?

**GLOSTER** · Sim, milorde, tornou-se vosso imigo.

**REI HENRIQUE** · A carta não contém nada mais grave?

**GLOSTER** · O mais grave, milorde, é o que eu vos disse.

**REI HENRIQUE** · Então Lorde Talbot vai conversá-lo e castigo condigno ministrar-lhe.

Milorde, que dizeis? Estais contente?

**TALBOT** · Como não, Majestade! Apenas sinto ter sido antecipado; deveria ter eu próprio pedido esse serviço.

**REI HENRIQUE** ·

Não demores, então; reúne os teus homens; possa ele sentir logo os ruins efeitos de seu ato traiçoeiro, percebendo quanto é prejudicial zombar de amigos.

**TALBOT** · Vou já, milorde, no íntimo almejando que possais derrotar vossos contrários.

(*Sai.*)

(*Entram Vernon e Basset.*)

**VERNON** · Permite que eu me bata, soberano!

**BASSET** · Meu gracioso senhor, o mesmo eu peço!

**YORK** · Este é um dos meus; favoreci-o, príncipe.

**SOMERSET** · E este é meu; escutai-o, doce Henrique.

**REI HENRIQUE** ·

Calma, milorde; eles que se expliquem.

Dizei-me cavalheiros, o motivo dessas exclamações. Por que licença para duelo? Com quem quereis bater-vos?

**VERNON** · Com ele, meu senhor; fui ofendido.

**BASSET** · E eu com ele, também; sou o ofendido.

**HENRIQUE** ·

Qual é a ofensa de que ambos vos queixais?

Revelai-me que eu possa responder-vos.

**BASSET** · Este sujeito aqui, quando eu me achava em viagem da Inglaterra para a França, com falar invejoso e maldizente zombou da minha rosa, asseverando que sua cor sangüínea era o reflexo do rubor da vergonha do meu mestre, quando, de certa feita, renitente, se negara a acatar toda a verdade numa questão legal então travada entre ele e o Duque de York, tudo em termos baixos e ignominiosos, que ora omito.

Em resposta a essa ofensa tão grosseira, para que a dignidade do meu mestre não fique maculada, o benefício vos impetro da lei das nossas armas.

**VERNON** · O mesmo vos suplico, nobre príncipe; porque embora ele tudo tenha feito para dar algum brilho a suas baixas cavilações, forrando-as com conceitos especiosos, sabe, meu soberano,

que eu fui o provocado. Antes de tudo, teve o desplante de atirar remoques a este meu distintivo, asseverando que a palidez da flor traía em tudo a fraqueza do peito do meu mestre.

**YORK** · Vossa malícia, Somerset, não cansa?

**SOMERSET** · Vosso rancor há de explodir, milorde, em que vos esforceis por sufocá-lo.

**REI HENRIQUE** ·

Oh grande Deus! Como delira a mente transviada dos mortais! Como é que podem coisas, assim tão frívolas, ser causa de lutas partidárias dessa monta!

Amados primos de York e Somerset, calma! vos peço, calma! e paz entre ambos.

**YORK** · Deixai que as armas a questão decidam, para depois falar-nos Vossa Alteza de amizade e de paz.

**SOMERSET** · A nós, somente, diz respeito a pendência; decidamo-la entre nós dois, portanto.

**YORK** · Ora, em penhor, Somerset, aceita isto.

**VERNON** · Não, voltemos para o ponto inicial da controvérsia.

**BASSET** · Consenti, meu gracioso soberano.

**GLOSTER** · Consentir? Para o diabo vossas rixas! Antes morrêsseis todos, para que esse falatório insolente se acabasse!

Não vos envergonhais, gente impudica, de virdes perturbar o rei e a todos com vossas discussões despidoradas?

E vós, milordes, fazeis mal, parece-me, em dar apoio a discussões perversas, mas, sobretudo, em vos aproveitardes de suas discussões como pretexto para vossas quizílias. Aconselho-vos a assumir atitude mais decente.

**EXETER** · Sua Alteza está triste; sede amigos, meus caros lordes.

**REI HENRIQUE** · Vós, que mostrais ânimo combativo, achegai-vos. Se em apreço tendes nosso favor, de agora em diante vos intimo a esquecerdes essa rixa, bem como seu motivo. E vós, milordes, lembre-vos onde estamos, entre gente caprichosa e volúvel. Se os franceses

perceberem discórdia na maneira de olhades, ou souberem do que passa, com o ódio que nos têm, serão levados a desobedecer e a revoltar-se.

Além do mais, é vergonhoso virem a saber soberanos estrangeiros que entre os pares de Henrique e a alta nobreza se combate por coisa de nonada, a ponto de perderem toda a França. Oh! pensai na conquista de meu pai, na minha inexperiência, não deixando que se perca por uma ninharia quanto nos custou sangue. Vou servir-vos de juiz nesta causa. Não creio haja razão, se a usar eu vier a rosa rubra,

*(Colbendo uma rosa vermelha.)*

para ser doravante suspeitado, por ninguém, de mostrar-me favorável a Somerset, em detrimento de York. Ambos são meus parentes; a ambos voto particular afeto. Com igual base contestar-me a coroa poderiam, sob o pretexto, apenas, de ter uma o rei dos escoceses. Mas espero que em vossa discricção heis de argumentos achar mais persuasivos do que em minha débil capacidade de ensinar-vos. Viemos em paz; por isso, continuemos em paz, como até agora. Primo de York, nomeamo-vos regente destas partes da França. Quanto a vós, meu caro Lorde de Somerset, levai vossos cavalos para junto da sua infantaria, e como fiéis vassallos, dignos filhos de vossos ascendentes, marchai juntos e derramai em vossos inimigos quanta inflamada bile vos agite. Depois de algum repouso, nós, milorde protetor e os demais retornaremos a Calais, e, depois, para a Inglaterra, onde espero que em breve os vossos feitos me presenteiem com Alençon, com Carlos, com toda essa cambada de traidores.

*(Clarins. Saem todos, com exceção de York, Warwick, Exeter e Vernon.)*

**WARWICK** · Dou-vos minha palavra, caro Lorde de York, o rei se revelou fino orador.

**YORK** · Realmente; desgostou-me, apenas, isso de ele adotar de Somerset a insígnia.

**WARWICK** · Ora! Não o censureis por este gesto. Foi simples fantasia, doce príncipe, sem malícia nenhuma, estou convicto.

**YORK** · Se tivesse certeza... Mas deixemos isso de parte. Assuntos de mais peso nos reclamam a atenção neste momento.

*(Saem York, Warwick e Vernon.)*

**EXETER** · Fizeste bem, Ricardo, em não falar; porque se o coração se te expandisse num surto de paixão, receio muito

que essas paixões despeito revelassem mais rancoroso, mais rancor violento do que o pôde criar a fantasia.

De qualquer forma, uma pessoa simples que visse estas discórdias da nobreza, as intrigas da corte, as infundáveis disputas partidárias, não deixara de pressagiar eventos ominosos.

É mau que uma criança empunhe o cetro; pior que gere a inveja a roaz discórdia: é o princípio da ruína e da mixórdia.

*(Sai.)*

## Ato IV · Cena II

*Diante de Bordéus.*

*Entra Talbot com suas tropas.*

**TALBOT** · Vai, corneteiro, às portas de Bordéus e chama o general para falar-me.

*(O corneteiro dá o toque de parlamentar. Sobre os muros aparecem o general das forças francesas e outros.)*

Capitães, João Talbot, inglês, vos chama, servo do Rei Henrique da Inglaterra.

Eis o que ele pretende: patenteai-nos as portas da cidade, submetei-vos, reconheci o nosso soberano

como vosso, prestando-lhe a homenagem de obedientes vassalos, e, sem mora, me afastarei daqui com minhas forças sanguinárias. No caso de recusa

à paz proposta, alcançareis, apenas, provocar meus três fortes auxiliares:

a fome escaveirada, o aço cortante e o fogo assolador, que, num momento, reduzirão a nada vossas torres orgulhosas, que os ventos desafiam.

Aceitai, pois, o amor que vos ofertam.

**GENERAL** · Agourenta coruja, anunciadora da morte, Oh tu, terror de nossa gente, flagelo sanguinário dos franceses, a tua tirania está no ocaso.

Só poderás entrar depois de morto, porque estamos, afirmo-o sem receio, fortificados e bastante afoitos

para afrontar a luta em campo aberto.

Se quiseses voltar, com seus exércitos o delfim te fará cair nas malhas das ciladas da guerra; à tua esquerda e à direita esquadões a liberdade de fugir te emparedam. Não te sobra caminho algum, por onde fugir queiras, em que a Morte não vejas com suas claras devastações. Dez mil franceses, hoje, juraram, ao tomar o sacramento, que não disparariam em nenhuma alma cristã, exceto o inglês Talbot, a sua perigosa artilharia.

Acredita: ante nós ainda te encontras com vida, como herói jamais vencido, de espírito indomável. Esta é a última glória do teu louvor, que eu, teu contrário, te rendo, como preito merecido.

Mas antes de poder uma ampulheta, posta agora a correr, chegar ao termo de sua hora arenosa, não de estes olhos que sadio e corado te contemplam, ver-te murcho, a sangrar, pálido e morto.

*(Toque de tambor, ao longe.)*

Escuta, escuta!

O tambor do delfim, sinto de alarma, para tua alma angustiada canto triste.

Vou mandar que anunciem meus tambores a nênia de tua bárbara partida.

*(O general e seus homens se retiram do muro.)*

**TALBOT** · Só nos disse a verdade; ouço o inimigo.  
 Sigam logo alguns homens da ligeira  
 cavalaria a examinar-lhe os planos.  
 Oh disciplina negligente! Quanto  
 descuido! Fomos presos num redil,  
 encurralados todos, um pequeno  
 rebanho de ovelhinhas timoratas,  
 oriundas da Inglaterra, ora acoçadas  
 pela matilha dos mastins franceses.  
 Mas se somos carneiros da Inglaterra,  
 mostremos nosso brio, diferente

do desses gamos tímidos, que caem  
 com um simples beliscão. Sejam cervos  
 irritados até quase à loucura  
 e os lebréus enfrentemos sanguinários  
 com nossas testas aêneas, conservando  
 sempre na defensiva esses covardes.  
 Se a cara vida todos estimarem  
 como eu, gamos bem caros os imigos  
 irão achar em nós. Deus e São Jorge,  
 Talbot e a causa inglesa, vitoriosos  
 façam nosso pendão no prélio iroso.

(Saem.)

## Ato IV · Cena III

*Planície na Gasconha.*

*Entra York, com tropas; chega-se-lhe um mensageiro.*

**YORK** · Ainda não retornaram os espias  
 velozes que seguiram nas pisadas  
 das poderosas forças do delfim?

**MENSAGEIRO** ·

Já, milorde; e nos dizem que esses homens  
 seguem para Bordéus, com o fim precípua  
 de lutar com Talbot. Quando de volta,  
 viram nossos espias dois exércitos  
 mais fortes, ainda, que ao delfim se uniram,  
 para Bordéus seguindo todos juntos.

**YORK** · Maldito seja Somerset, por ter-se  
 demorado com os homens de cavalo,  
 reforço prometido, para o cerco.  
 O famoso Talbot conta comigo;  
 mas um vilão traidor me ludibria,  
 deixando-me inativo, sem recursos  
 para auxiliar o nobre cavaleiro.  
 Deus o ampare em tão grave conjuntura;  
 se ele cair, adeus guerra da França!

*(Entra Sir William Lucy.)*

**LUCY** · Nobre chefe das forças da Inglaterra,  
 jamais, como nesta hora, sobre o solo  
 da França foi teu braço tão valioso.  
 Corre em socorro de Talbot magnânimo,  
 que num cinto de ferro se acha preso  
 e ameaçado por fera destruição.  
 A Bordéus, belicoso Duque de York!

A Bordéus! Do contrário, adeus, Talbot;  
 adeus, França; adeus, honra da Inglaterra!

**YORK** ·  
 Oh Deus! Se Somerset, que em seu orgulho  
 desmedido, retém meus cavaleiros,  
 no lugar de Talbot ora se achasse!

Um valente fidalgo, então, salváramos,  
 entregando um traidor que nada vale.  
 Choro de raiva, ao ver como esse biltre  
 negligente descansa sem cuidados,  
 enquanto nós morremos de cansados.

**LUCY** · Mandai gente em socorro do infeliz!

**YORK** · Quebro a minha palavra; ele, a cerviz.  
 Chora a Inglaterra; a França está tranqüila;  
 o traidor Somerset se rejubila.

**LUCY** · Então que Deus se apiade da alma grande  
 de Talbot e do moço João, seu filho,  
 que há duas horas encontrei, no ponto  
 de se ajuntar ao valoroso pai.

Há sete anos Talbot não via o filho;  
 vão se rever no instante de morrerem.

**YORK** · Como pode Talbot mostrar ternura  
 ao indicar ao filho a sepultura?

Aperta-se-me o peito ao pensamento  
 de uma entrevista alegre em tal momento.

Lucy, adeus! Seja infame — é só o que eu digo —  
 quem me força a deixar morrer o amigo.

Tours, Blois, Maine e Poitiers nos rouba o fado,  
 tão-só por Somerset ter-se atrasado.

*(Sai com seus soldados.)*

## Ato IV • Cena IV

LUCY • Desta arte, enquanto o abutre da discórdia se regala nas carnes de tão grandes chefes, a negligência sonolenta nos trai, nos faz perder a alta conquista

do guerreiro, ainda há pouco, falecido, mas de memória viva entre seus súditos: Henrique quinto! A intriga entre eles obra, enquanto a honra, o país, tudo sobobra.

(Sat.)

*Outra plantie de Gasconha.  
Entra Somerset, com suas tropas, acompanhado de um capitão de Talbot.*

SOMERSET • É tarde por demais: é-me impossível enviar-lhos agora. York e Talbot

foram muito impudentes em seus planos. Uma simples surtida da cidade

poderia esmagar as nossas forças.

O mais que intêrpido Talbot, com este

ato de desespero irrefletido

comprometeu o brilho do seu nome.

York o envia a morrer sem glória alguma

para poder subir, como costuma.

CAPITÃO • Eis aí Sir William Lucy, que comigo

veio impetrar socorro para os nossos

exércitos exaustos.

SOMERSET • Que há de novo,  
*(Entra Sir William Lucy.)*

Sir William? Quem vos manda a estas paragens? Lucy • Quem, milorde? Talbot, traído e vendido,

que, cercado de audaz adversidade,

suplica aos nobres York e Somerset

que afastem de seus homens esgotados

a morte assoladora. E enquanto o grande

capitão sua sangue dos cansados,

dos aguetridos membros, retardando

seu colapso, somente com a esperança

do socorro anelado, vós, sua falsa

expectativa, os guardas da honra inglesa,

vos enlevais com ciúmes e picuinhas.

Não consultais que vossas desavenças

o pivem do socorro prometido,

deixando que o famoso gentil-homem

entregue a vida, em luta contra um mundo

de desvantagens. Carlos, o bastardo

de Orleans, Reignier, Borgonha, d'Alençon,

todos o cercam, e Talbot perece

tão-somente por culpa de vós outros.

SOMERSET • York o mandou; devia enviar-lhe auxílio.

LUCY • York exproubra, também, Vossa Grandeza,

jurando que o privais dos contingentes

levantados para esta expedição.

SOMERSET • Ele mente; era só mandar pedir-me,

e iriam logo aí ter meus cavaleiros.

Não lhe sou devedor de nenhum preito,

muito menos de amor; fora humilhar-me,

se lhos tivesse enviado sem pedido.

LUCY • Não as forças da França, a fraude inglesa

é que enleia o magnânimo Talbot.

Jamais a pátria o reverá com vida;

vossas rixas lhe dão mortal ferida.

SOMERSET •

Pois vamos! Vou lhe enviar os cavaleiros;

terá socorro dentro de seis horas.

LUCY • Muito tarde. Até lá, terá morrido,

ou estará prisioneiro, pois nem mesmo

poderia fugir, se em tal pensasse.

Nem é para Talbot fugir, podendo.

SOMERSET • Não tocou a Talbot sorte risonha.

LUCY • Dele a glória há de ser; vossa, a vergonha.

(Saem.)

## Ato IV · Cena V

*O acampamento inglês, perto de Bordéus.*

*Entram Talbot e seu filho João.*

**TALBOT** · Oh jovem João Talbot, mandei buscar-te a fim de te ensinar a arte da guerra, para que em ti reviva o nosso nome, quando a velhice murcha e os fracos membros chumbarem teu bom pai numa poltrona.

Mas — Oh maldosos e agourentos astros! — a uma festa da Morte é que chegaste, perigo inevitável e terrível.

Monta, caro menino, no cavalo mais veloz que tivermos, que eu te mostro como a vida salvas pela fuga.

Vamos, não te demores; parte logo.

**JOÃO** · Eu me chamo Talbot; sou vosso filho; como fugir, então? Oh! se ainda tendes amor a minha mãe, não lhe mancheis o nome venerável, rebaixando-me à posição de um mísero bastardo.

Comigo o mundo inteiro não se importe, se eu fugir, entregando-vos à morte.

**TALBOT** · Foge, porque me vingues algum dia.

**JOÃO** · Quem fugisse, jamais retornaria.

**TALBOT** · Se ficares, é a morte para os dois.

**JOÃO** · Vós fugireis, então; morra eu, depois.

É grande a vossa perda; pensai nisso.

Eu nada perco; morro antes do viço, sem dar ansa nenhuma aos inimigos de se julgarem livres de perigos, como o dirão, decerto, em vosso caso, por nos saberem próximos do ocaso.

Nada pode marear-vos o prestígio; eu sou pássaro ainda sem remígio. Se fugirdes, dirão que saístes cedo; mas comigo, é certeza: foi por medo. Quem poderá jamais confiar em mim, se, ao primeiro recontro, eu corro assim? De joelhos vos suplico: é melhor glória morrer, do que viver sem ter história.

**TALBOT** · Murchará de tua mãe toda a esperança?

**JOÃO** · Antes assim, do que manchar-lhe a herança.

**TALBOT** · Por minha bênção, corre sem demora.

**JOÃO** · Contra o inimigo, sim; fá-lo-ei agora.

**TALBOT** · Parte de mim se salvará contigo.

**JOÃO** · Não, porém, a que foge do perigo.

**TALBOT** · És moço; esse ato em nada te deslustra.

**JOÃO** · Sim; vossa glória em mim ficará frustra.

**TALBOT** · Recebes ordens; serei eu o culpado.

**JOÃO** · Morto vós, quem dirá que eu fui mandado? Se o perigo é tão grande, fugi logo.

**TALBOT** ·

Sem mim, no prélio os meus heróis não jogo.

Repelem minhas cãs tanta vergonha.

**JOÃO** · E a minha mocidade, já tem ronha?

Não podeis afastar-vos de vós mesmo, nem a vós, nem a mim. Falais a esmo.

Ide embora, ou ficai; o mesmo eu faço; viver não quero, após vosso trespasso.

**TALBOT** · Então, glorioso filho, eu me despeço de ti; já deste mundo és um egresso.

Lado a lado enfrentemos o perigo; nossas almas no céu terão abrigo.

*(Saem.)*

## Ato IV · Cena VI

*Um campo de batalha.*

*Rebate; escaramuças; o filho de Talbot é envolvido;*

*Talbot o salva.*

**TALBOT** · Por São Jorge e a Vitória, avante, ingleses!

O regente quebrou a palavra dada a Talbot; à mercê ora da espada

nos achamos colérica da França.

Onde está João Talbot? Pára, descansa, toma fôlego, filho. Dei-te a vida; ora da morte te livrei dorida.

**JOÃO** · Duas vezes meu pai, duas teu filho!

A vida que me deste, toda brilho, ia em mim a tornar-se quase extinta,

quando, apesar do fado, a espada tinta dos combates, forçaste o tempo iroso a ser comigo, desta vez, bondoso.

**TALBOT** · Quando vi tua espada tirar fogo da crista do elmo do delfim, o afogo não mais pude conter, que me impelia a te prestar esta alta cortesia, conquistando a vitória de semblante mais do que ousado. Nesse mesmo instante, da velhice a ferrugem, transformada, se alteou com fúria moça e sublimada, que me fez derrubar Orleans, Borgonha e d'Alençon, poupando-te à vergonha de aos pés cair da Gália presunçosa. O bastardo de Orleans, de espada irosa, que em meio à pugna, caro filho, fora quem primeiro da seiva promissora te fizera sangrar, a virgindade colhendo dessa tua heroicidade, foi por mim, logo após, atravessado na batalha. Depois de ter trocado com ele vários golpes e de um pouco de seu sangue bastardo ter, em troca do teu, feito correr, assim lhe disse, para humilhá-lo, não por gabolice: “Derramo-te esse sangue baixo e imundo, de relações ilícitas oriundo, para pagar o meu, de fama e brilho, que tiras a Talbot, meu grande filho.” Nisso advém, a salvá-lo, inesperado socorro. Mas responde-me, cuidado de teu pai: Como te achas? Dize, João, se não queres, agora, sem pressão de minha parte, abandonar a pugna para a salvo te pores? Não repugna tal proceder, que tua valentia te consagrou herói neste alto dia. Foge, meu filho, para minha morte

vingares. Mais um braço, por mais forte que seja, pouco vale neste aperto. Fora loucura, grande desacerto, arriscar nossas vidas num barquinho, porque se eu não morrer aqui, sozinho, vítima dos franceses, é certeza vir a ser da velhice, logo, presa. Pouco lucro darei aos inimigos, se ficar: um só dia de perigos a menos. Mas em ti tua mãe perece, nosso nome famoso, a grande messe de nossos feitos, tua mocidade e a glória da Inglaterra. Essa é a verdade. Perderemos mais que isso, se ficares; mas tudo salvaremos, se escapares.

**JOÃO** · Mais do que a espada de Orleans, nocivo me é o que vos ouço. Isto é que sangue vivo do coração me tira. A essa vantagem, de vergonhosa e bárbara roupagem, que a vida poupa e a fama altiva esmaga, ao filho permitindo a fuga, em paga do trespasse do pai, é preferível que caia morto, logo, o desprezível corcel que me sustenta e que eu me veja igualado aos vilões da malfazeja França, objeto de escárnio e condenado para sempre a ser títere do fado. Por toda vossa glória, se eu fugisse, vosso filho não fora. É caturrice falar, pois, nesse assunto. Sendo eu filho de Talbot, saberei morrer com brilho.

**TALBOT** · Nesse caso, meu Ícaro, acompanha teu pai de Creta em mais esta façanha desesperada. Tua vida é quanto eu tinha de mais caro. No entretanto, se queres combater, fica ao meu lado, e gloriosos morramos, filho amado.

(*Saem.*)

## Ato IV · Cena VII

*Outra parte do campo de batalha. Alarma; movimento de tropas. Entra o velho Talbot, ferido, sustentado por um criado.*

**TALBOT** · Que é da outra minha vida? Foi-se azinha a que eu dizia propriamente minha.

Onde está João, Talbot valente, onde anda? Oh Morte vencedora e abominanda, que o cativo mancha, a valentia desse jovem comigo se associa para rirmos de ti! No mais renhido do combate, ao me ver no chão caído,

ele, a espada mortífera arrancando,  
vibrou-a sobre mim, qual formidando  
faminto leão que, em situação premente,  
o brio natural jamais desmente.

Quando o meu defensor ficou sozinho,  
a me velar a ruína com carinho,  
a cólera, que a vista sempre turva,  
e o furor do imo peito, numa curva  
repentina, arrancaram-no de mim  
para atirá-lo ao tétrico festim.

Num mar de sangue, então, meu caro filho  
o espírito afogou com grande brilho.  
Desta arte pereceu minha esperança,  
meu Ícaro indomável, uma criança.

*(Entram soldados, carregando o corpo do jovem Talbot.)*

**CRIADO** · Oh meu caro senhor, eis vosso filho!

**TALBOT** · Morte, jogral infame! Não partilho  
já desta vida, para ser sensível  
ao teu sarcasmo vão e contemptível.

A tua tirania insultadora  
dois Talbots vão fugi-la sem demora,  
a teu despeito conseguindo, unidos  
por liames sempiternos, os luzidos  
páramos alcançar, enfim libertos  
de todos os humanos desconcertos.

Oh tu, que deixas bela a morte dura  
com essa sanguinosa bordadura,  
fala-me, se ainda vives! Não te importe  
o que te possa opor a fera Morte.

Imagina que falas a inimigo  
e que a Morte é um francês que está contigo.

Pobre criança! Sorri; dizer quisera  
que se fosse um francês essa megera,  
ela é que morreria. Nestes braços  
o colocai; disponho só de escassos  
momentos; suportar não me é possível  
por mais tempo esta vida incompreensível.

Adeus, meus companheiros; ora alcanço  
quanto almejar pudera: no remanso  
destes braços concede-me a ventura  
que achar possa meu filho a sepultura.

*(Morre.)*

*(Alarma. Saem os soldados e o criado, levando os dois corpos. Entram Carlos, Alençon, Borgonha, o bastardo de Orleans, Joana la Pucelle e tropas.)*

**CARLOS** · Se York e Somerset tivessem vindo  
em socorro dos seus, para nós fora  
sangrenta por demais esta jornada.

**O BASTARDO** ·

Como o leãozinho de Talbot, furioso,  
nos franceses calava o gládio iroso!

**JOANA** · Encontrando-o na pugna, o apostofoei:  
“Herói-menino, lutador de lei,

rende-te a uma mulher!” Mas, com desprezo,  
me disse ele em resposta: “Jamais preso  
se render a uma rameira imunda

o filho de Talbot”. Com isso, afunda  
pelas nossas fileiras, não querendo  
perder tempo comigo. Era tremendo!

**BORGONHA** · Ele viria a dar um temeroso  
cavaleiro. Ora vede-lo em repouso  
nos braços do guerreiro — oh quadro belo! —  
que o gerou para ser nosso flagelo.

**O BASTARDO** ·

Quebremos-lhes os ossos; sobre a terra  
não fique inteira a glória da Inglaterra.

**CARLOS** ·

Oh, não! Se vivos, de ambos nós corremos,  
seus heróicos despojos não manchemos.

*(Entra Sir William Lucy, com séquito,  
precedido de um arauto francês.)*

**LUCY** · Leva-me, arauto, à tenda do delfim,  
para que eu saiba a quem coube a vitória  
deste dia glorioso.

**CARLOS** · Que mensagem  
de submissão nos trazes?

**LUCY** · Submissão,  
delfim! Isso é vocábulo francês;  
os ingleses ignoram-lhe o sentido.  
Só desejo saber dos prisioneiros  
e inspecionar os mortos em combate.

**CARLOS** · Falas em prisioneiros? Todos se acham  
no inferno. Apesar disso, quem procuras?

**LUCY** · Onde está o grande Alcides deste embate,  
o valente Talbot, o nobre Conde  
de Shrewsbury? Por seus raros sucessos  
nesta campanha, criado grande Conde  
de Valência, de Washford e de Waterford,  
Lorde Talbot de Goodrig e Urchinfield,  
Lorde Strange de Blackmere, Lorde Verdun de Alton,  
Lorde Cromwell de Wingfield, Lorde Furnival de  
[Sheffield,

Lorde de Faulconbridge vitorioso  
três vezes, cavaleiro da nobre ordem  
de São Miguel, São Jorge, e sempre digno  
do Tosão de Ouro, o grande marechal  
de Henrique sexto em terra dos franceses?

JOANA · Mas que estilo vazio e majestoso!  
O turco, que em cinqüenta e dois países  
exerce o mando, não dispõe de estilo  
mais tedioso e espichado. Quem procura  
com títulos tão grandes ora se acha  
presa das moscas, podre, aos nossos pés.

LUCY · Morreu Talbot, o látigo exclusivo  
dos franceses, a Nêmesis sombria,  
o terror deste reino? Oh! se de balas,  
em vez de olhos, no rosto eu dispusesse,  
para, na minha cólera, atirar-vo-las  
nas faces! Oh! pudesse eu dar-lhe vida!  
Tanto bastara para terror pânico  
infundir nos franceses! Se o retrato

dele, apenas, aqui ora estivesse,  
decerto confundira até os mais bravos.  
Permiti que o cadáver para o campo  
dos nossos eu transporte, para obséquias  
condignas de seu mérito prestar-lhe.

JOANA · Parece que é o espírito do morto  
que está neste sujeito presumido,  
tal o ar de mando com que diz as coisas.  
Dai-lhe, por Deus, os mortos, que eles podem  
viciar, envenenar o nosso ambiente.

CARLOS · Levem os corpos, depressa.

LUCY · Vou levá-los;  
vai sair de suas cinzas, muito cedo,  
a Fênix que há de à França meter medo.

CARLOS · Contanto que fiquemos livres deles,  
faço o que te aprouver. E ora, a caminho  
de Paris; a vitória será nossa;  
Talbot já não nos pode fazer moça.

(Saem.)

## Ato V · Cena I

*Londres. Um quarto no palácio.*

*Entram o Rei Henrique, Gloster e Exeter.*

REI HENRIQUE ·

Lestes todas as cartas que nos vieram  
do imperador, do papa e de Armagnac?

GLOSTER ·

Sim, milorde; eis o assunto de que tratam:  
Junto a Vossa Excelência, humildemente  
todos eles insistem porque seja  
firmada a paz divina entre os dois reinos.

REI HENRIQUE · E que pensa da idéia Vossa Graça?

GLOSTER · Muito boa, milorde; é o meio único  
de se pôr termo a essa efusão de sangue  
cristão e de alcançar tranqüilidade.

REI HENRIQUE · Isso, meu tio; pareceu-me sempre  
que era não só contrário à natureza,  
como ímpio, que reinasse entre os adeptos  
da mesma fé tão sanguinária guerra,  
tantas barbaridades.

GLOSTER · Além disso,  
milorde, porque logo consigamos

apertar esses laços de amizade  
com mais firmeza, o Conde de Armagnac,  
parente próximo de Carlos e homem  
de grande autoridade em toda a França,  
vos oferece a filha em casamento,  
prometendo dotá-la regamente.

REI HENRIQUE ·

Em casamento? Ainda sou moço, tio,  
para pensar em núpcias. Com meus anos  
acomoda-se mais o estudo e os livros  
do que os fúteis prazeres dos amantes.

Contudo, mandai vir os emissários  
e lhes dai a resposta que quiserdes,  
que eu me contentarei de qualquer modo,  
contanto que essa escolha tenda à glória  
de Deus e ao bem-estar da minha pátria.

*(Entram um legado e dois embaixadores,  
com Winchester, já agora  
Cardeal Beaufort, em trajos apropriados.)*

EXETER *(à parte)* ·

Como! Milorde de Winchester se encontra  
instalado no posto de cardeal?

Vejo agora que vai concretizar-se quanto profetizou Henrique quinto: “Se em algum tempo ele alcançar o posto de cardeal, do chapéu fará coroa”.

**REI HENRIQUE** ·

Embaixadores meus, vossas propostas foram devidamente apreciadas; é razoável e justo o que dissestes.

Por isso, nos achamos resolvidos a propor condições de paz amiga que enviar pretendemos por Milorde de Winchester, sem demora, ao rei da França.

**GLOSTER** · No que respeita à idéia de milorde vosso mestre, informei Sua Grandeza com minúcia. Por isso, tendo em vista os altos dotes de moral da noiva, sua grande beleza e o dote opimo, resolvido está ele a desposá-la.

**REI HENRIQUE** *(ao embaixador)* ·  
Como reforço e prova do contrato

dai-lhe esta jóia, gage do alto afeto que lhe voto. Milorde protetor, arranjai uma escolta para a Dover acompanhá-los. Uma vez a bordo, à fortuna do mar entregai todos.

*(Saem o Rei Henrique, com séquito, Gloster, Exeter e embaixadores.)*

**CARDEAL** · Ficai, Lorde Legado; heis de, primeiro, receber a quantia prometida de minha parte a Sua Santidade por me ter dado esta roupagem digna.

**LEGADO** · Ao inteiro dispor de Vossa Graça.

**CARDEAL** *(à parte)* ·

Winchester, penso, não vai mais curvar-se a esses pares altivos, por não ser-lhes inferior. Hás de ver, Humphrey de Gloster, que em dignidade, e força, e nascimento não vencerás o bispo um só momento. Hei de humilhar-te com esta viravolta, ou o país jogarei numa revolta.

*(Saem.)*

## Ato V · Cena II

*França. Planície em Anjou.*

*Entram Carlos, Borgonha, Alençon, Joana la Pucelle e tropas em marcha.*

**CARLOS** · Vão alegrar, milorde, essas notícias os espíritos tristes. Os altivos parisienses estão, diz-se, em revolta novamente e ora se acham com os franceses.

**ALENÇON** ·

Marchemos, pois, contra Paris, real Carlos de França; ponde em campo as vossas forças.

**JOANA** · Com eles seja a paz, se estão conosco; se não, caiam em ruínas seus palácios.

*(Entra um mensageiro.)*

**MENSAGEIRO** · Ao nosso general êxito pleno e outro tanto aos seus dignos auxiliares.

**CARLOS** · Os espias que dizem? Vamos, fala.

**MENSAGEIRO** · Os ingleses, que estavam divididos em duas partes, ora se reuniram para vos atacar sem mais demora.

**CARLOS** · A notícia, milordes, nos apanha de surpresa; contudo, preparemo-nos conforme as circunstâncias.

**BORGONHA** · Penso que a alma de Talbot não está lá; não tendes causa, milorde, de temor.

**JOANA** · Das paixões ínfimas, o medo é a mais maldita. Vamos, Carlos, distribui ordens, que a vitória é certa; anima os nossos homens com tua fala, humilha Henrique, o mundo inteiro abala.

**CARLOS** · Avante, nobres; que prospere a França!

*(Saem.)*

## Ato V • Cena III

*França. Diante de Angers.*

*Alarma; movimento de tropas; entra Joana la Pucelle.*

JOANA • Vence o regente; os nossos não resistem.

Ora valei-me, encantos e amuletos!

E vós, também, espíritos seletos  
que me guiais, mostrando-me o futuro!

*(Troveja.)*

Auxiliares velozes, que debaixo  
vos achais do potente rei do norte,  
aparecei-me! Vinde em meu auxílio!

*(Entram demônios.)*

A pressa com que viestes me dá prova  
de vossa costumeira diligência  
em me servir. Agora, familiares  
espíritos, tirados das regiões  
subtérreas poderosas, auxiliai-me  
mais uma vez, para que a França vença.

*(Os demônios passeiam e nada respondem.)*

Não fiqueis por mais tempo assim calados.  
Fostes alimentados com meu sangue;  
ora estou pronta a me privar de um membro,  
que vos entregarei, contanto que outro  
benefício eu receba, se quiserdes  
condescender em me auxiliar de novo.

*(Abaixam a cabeça.)*

Não há esperança? Se ora me atenderdes,  
em meu corpo tereis o pagamento.

*(Sacodem a cabeça.)*

Como! Nem o meu corpo, nem a oferta  
do próprio sangue vos incita agora  
a me prestar a ajuda de costume?  
Dou-vos a alma; a alma, o corpo; dou-vos tudo,  
contanto que a Inglaterra não nos vença.

*(Desaparecem.)*

Abandonaram-me! É chegado o tempo  
de curvar o penacho altivo a França  
e de pousar a fronte no regaço  
da Inglaterra. São fracos meus feitiços,  
fracos demais, e o inferno muito forte  
para me obedecer. Agora, França,  
vai tua glória reduzir-se a nada.

*(Sai.)*

*(Alarma. Entram franceses e ingleses, em luta.)*

*Joana la Pucelle e York se batem;*

*Joana é feita prisioneira; os franceses fogem.)*

YORK • Penso que, desta vez, dama francesa,

vos segurei de fato. Vede agora  
se podeis, com os feitiços costumeiros,  
soltar vossos espíritos, porque eles  
liberdade vos dêem. Uma alta presa!  
Parece que foi feita para o diabo.  
Como franze os sobrolhos a megera!  
Certo, qual outra Circe, ela quisera  
metamorfosear-me.

JOANA • Que outra forma  
puderas ter mais feia do que a tua?

YORK • O delfim Carlos, sim, que é um homem belo;  
somente a forma dele é que é aprazível  
para esses lindos olhos.

JOANA • Caia em Carlos  
e em ti qualquer desgraça tormentosa.

Que no sono tranqüilo ambos se vejam  
surpreendidos por mãos sanguinolentas.

YORK • Maldita feiticeira, cala a boca!

JOANA • Deixa-me amaldiçoar mais um pouquinho.

YORK • Falarás, bruxa imunda, na fogueira.

*(Saem.)*

*(Rebate; entra Suffolk, conduzindo Margarida.)*

SUFFOLK • Seja qual for teu nome, és prisioneira.

*(Contemplando-a.)*

Oh beleza admirável, nada temas,  
nem procures fugir, que eu só te toco  
com respeitosas mãos. Beijo-te os dedos,  
em sinal de amizade, e, reverente,  
nesses flancos gentis de novo os ponho.  
Desejo honrar-te; dize-me o teu nome.

MARGARIDA • Chamo-me Margarida; sou princesa,  
filha do rei de Nápoles. E tu?

SUFFOLK •

Sou o Conde de Suffolk; esse é o meu nome.

Não te ofendas, milagre da natureza;  
nasceste para que eu te aprisionasse.

É assim que o cisne ampara os emplumados  
cisnezinhos, prendendo-os sob as asas.

Contudo, se essa prática te ofende,  
parte, és livre! Suffolk a ti se rende.

*(Margarida faz menção de retirar-se.)*

Não te retires! Falta-me coragem de deixá-la partir. A mão quisera soltá-la; o coração não mo consente. Como o sol nas correntes cristalinas faz lucilar os raios refletidos, assim sua beleza fascinante nos meus olhos esplende. Desejara dizer-lhe quanto sinto, mas não ousou falar. Vou recorrer a pena e tinta. Que fiasco, De la Pole! Não te estragues. Não tens língua? Tens medo da aparência de uma mulher? De tua prisioneira? É assim que a principesca majestade da beleza confunde a nossa língua e nos deixa embotados os sentidos.

**MARGARIDA** ·

Conde de Suffolk — se esse for, realmente, teu verdadeiro nome — que resgate precisarei pagar, pois estou vendo que fiquei prisioneira.

**SUFFOLK** (*à parte*) · Como podes saber que ela se ofende, antes de à prova pores o seu amor?

**MARGARIDA** · Por que não falas?

Que resgate é preciso que eu te pague?

**SUFFOLK** (*à parte*) · É formosa; por isso, cortejável; sendo mulher, é força que se renda.

**MARGARIDA** · Aceitarás resgate, sim ou não?

**SUFFOLK** (*à parte*) ·

Lembra-te, louco, de que tens esposa.

Queres desta fazer sua comborça?

**MARGARIDA** · Melhor será deixá-lo; não me atende.

**SUFFOLK** (*à parte*) ·

Tudo perdido; a sorte não me ajuda.

**MARGARIDA** ·

Fala às tontas; decerto é algum lunático.

**SUFFOLK** (*à parte*) ·

Poderei conseguir uma dispensa.

**MARGARIDA** · Desejara alcançar qualquer resposta.

**SUFFOLK** (*à parte*) · Vou pedir esta Lady Margarida...

Mas para quem? Ora essa! Para o rei.

Caluda, que o negócio é de madeira.

**MARGARIDA** · Fala agora em madeira; é carpinteiro.

**SUFFOLK** (*à parte*) ·

Minha paixão, dessa arte, eu premiaria, sobre firmar a paz entre os dois reinos.

Remanesce, entretanto, certo escrúpulo: embora seja o pai senhor de Nápoles, Duque de Anjou e Maine, é muito pobre. Vai opor-se a nobreza a esse consórcio.

**MARGARIDA** · Estais ouvindo, capitão? Que tendes?

**SUFFOLK** ·

Assim será, por mais que eles se oponham.

Henrique é moço, a tudo se acomoda.

Senhora, vou dizer-vos um segredo.

**MARGARIDA** ·

Que importa que eu me encontre prisioneira?

Parece nobre; saberá acatar-me.

**SUFFOLK** ·

Senhorita, atendei-me alguns instantes.

**MARGARIDA** (*à parte*) ·

Se ainda estivesse em tempo de salvarem-me os franceses, ficara eu dispensada de implorar-lhe o favor.

**SUFFOLK** · Meiga senhora, atenção concedei-me numa causa...

**MARGARIDA** · Não sou eu a primeira mulher presa.

**SUFFOLK** · Por que falais, senhora, desse modo?

**MARGARIDA** · Peço que desculpeis o quiproquó.

**SUFFOLK** · Gentil princesa, consideraríeis

feliz o cativo que acabasse

por vos fazer rainha?

**MARGARIDA** · Ser rainha

cativa é mor desgraça que a do escravo

nos mais baixos misteres, porque os príncipes devem ser livres.

**SUFFOLK** · Como vós sereis,

também, se o muito nobre soberano

da feliz Inglaterra estiver livre.

**MARGARIDA** · Que tenho eu com a sua liberdade?

**SUFFOLK** · Esforçar-me-ei para fazer de ti

a rainha de Henrique, pôr-te um cetro

de ouro nas mãos e uma coroa rara

na cabeça, contanto que consintas

em seres minha...

**MARGARIDA** · O quê?

**SUFFOLK** · Sua querida.

**MARGARIDA** ·

Não sou digna de ser de Henrique esposa.

**SUFFOLK** ·

Não, gentil dama; eu, sim, que não sou digno

de cortejar para ele uma criatura

de tal beleza, sem ganhar na escolha.

Que achais, senhora, disse? Estais contente?

MARGARIDA · Se a meu pai agradar, fico contente.

SUFFOLK · Chamais depressa os capitães e nossos porta-estandartes. A seguir, senhora, iremos nos postar ante o castelo de vosso pai, a quem convidaremos, por mensageiro idôneo, a vir falar-nos.

(*As tropas adiantam-se.*)

(*Toque para parlamentar, Reignier aparece sobre os muros.*)

SUFFOLK · Reignier, olha tua filha prisioneira!

REIGNIER · Prisioneira de quem?

SUFFOLK · De mim.

REIGNIER · E agora,

Suffolk, que hei de fazer? Sou um soldado, não sei chorar, nem mesmo lastimar-me dos caprichos da sorte.

SUFFOLK · Sim, milorde.

há remédio bastante: consentires pela tua honra, que se torne esposa de meu rei tua filha, cujo assenso, não sem custo, para isso, obtive agora.

Desta arte um cativo não penoso valeu-lhe liberdade principesca.

REIGNIER ·

Fala Suffolk de acordo com o que pensa?

SUFFOLK · A bela Margarida atestar pode que eu não minto, não finjo, nem adulo.

REIGNIER ·

Confiado em teus princípios de nobreza, vou responder aí mesmo ao teu pedido.

(*Retira-se.*)

SUFFOLK · Aguardarei aqui tua chegada.

(*Toque de trombetas. Entra Reignier.*)

REIGNIER ·

Bem-vindo, bravo conde, em nossas terras!

Pedi de Anjou quanto Vossa Honra almeje.

SUFFOLK · Obrigado, Reignier; deves julgar-te muito feliz por teres uma filha

digna de se tornar a companheira

de um grande soberano. Que resposta

dá Vossa Graça à minha pretensão?

REIGNIER · Já que com vossa escolha distinguistes

seu mérito modesto, para dela

fazer a noiva real de tal monarca:

com a condição de que me deixeis no uso

pacífico de minhas propriedades,

com os condados de Maine e Anjou isentos de impostos e dos males resultantes de conflitos armados, minha filha, se Henrique o decidir, será sua esposa.

SUFFOLK · Esse vai ser o seu resgate: é livre.

Quanto aos condados, hei de fazer tudo para que Vossa Graça os goze em paz.

REIGNIER ·

E eu, também, no real nome do monarca de que és representante, a mão te cedo de minha filha, em gage do contrato.

SUFFOLK · Reignier da França, eu te agradeço como pessoa real, que fala um rei por mim.

(*À parte.*) Contudo, eu ficaria mais contente de ser procurador em causa própria.

Vou já para a Inglaterra, com a notícia, para solenizar o desposório.

Adeus, Reignier, guarda em palácio de ouro, como convém, diamante tão valioso.

REIGNIER ·

Recebe o abraço que eu daria ao príncipe cristão, Henrique, se ele aqui estivesse.

MARGARIDA · Adeus, milorde; os votos de ventura, louvores e orações de Margarida, de Suffolk vão ser todos de ora em diante.

(*Faz menção de retirar-se.*)

SUFFOLK · Adeus, gentil senhora. Mas, ouvi-me, Margarida: é possível que eu não leve de vossa parte, para o rei, nenhuma saudação principesca?

MARGARIDA · Cumprimentos que fiquem bem a uma donzela e virgem, sua serva, dizei-lhe.

SUFFOLK · São palavras amáveis e expressadas com modéstia.

Mas forçado me vejo a importunar-vos, senhora, novamente: qual a prova de amor que eu levarei para Sua Graça?

MARGARIDA · Um coração, milorde, imaculado, que o amor, até o presente, deixou livre.

SUFFOLK (*dando-lhe um beijo*) · E isto também.

MARGARIDA ·

Não. Isso é teu, porque eu não ousaria mandar a um rei lembrança tão pueril.

(*Saem Reignier e Margarida.*)

SUFFOLK · Se fosses para mim! Mas, como! Pára,

Suffolk! Não te aventure pelos meandros de semelhante labirinto, de onde te espreita o Minotauro e a baixa intriga. Comove Henrique com o retrato dela; reflete em seus adornos admiráveis,

nas graças naturais que a arte ultrapassam; quando no mar, renova-lhe a pintura, porque, uma vez aos pés de Henrique, possa privá-lo dos sentidos teu encanto.

(Sai.)

## Ato V · Cena IV

*Acampamento do Duque de York, em Anjou.  
Entram York, Warwick e outros.*

**YORK** · Trazei a bruxa que vai ser queimada!  
(*Entram Joana la Pucelle, escoltada, e um pastor.*)

**PASTOR** · Oh Joana! O coração, assim, me partes.

Procurei-te por tudo, longe e perto; e ora que tive a sorte de encontrar-te, verei tua morte cruel e prematura?

Ah, Joana, doce Joana, eu também morro!

**JOANA** · Decrépito mendigo, baixo e ignóbil labrego! Eu tenho sangue de fidalga; não és meu pai; nem meu amigo, ao menos.

**PASTOR** · Pára, pára! Senhores, escutai-me: não é verdade, não. É minha filha; na paróquia se sabe. Ainda está viva a mãe dela, que pode dar-vos provas de ter sido ela a minha primogênita.

**WARWICK** · Depravada, renegas os parentes?

**YORK** · Isso mostra que vida ela levava, perversa e vil, que a morte ora arremata.

**PASTOR** · Ora, Joana, por que seres teimosa? Deus sabe que és parcela de mim mesmo e que eu já chorei muito por tua causa.

Não me renegues, Joana, eu te suplico.

**JOANA** · Retira-te, labrego! Subornastes este pobre campônio, com o propósito de escurecer meu nascimento nobre.

**PASTOR** · É certo; eu dei um nobre ao sacerdote no dia em que a mãe dela eu despossei.

Ajoelha-te e recebe minha bênção, rapariga. Ah, é assim? És renitente?

Maldita, então, seja a hora em que nasceste.

Só quisera que o leite que mamaste no seio de tua mãe fosse veneno

de matar rato, ou que te houvesse um lobo voraz estraçalhado, quando as cabras

no campo me guardavas. Não conheces teu pai, mulher maldita? Então queimai-a, queimai-a, que enforcá-la é honra excessiva!

(Sai.)

**YORK** · Levai-a logo; já viveu bastante para encher o universo com seus vícios.

**JOANA** · Primeiro vos direi quem condenastes: não foi a mim, gerada na simpleza da vida pastoril, mas a uma filha de progênie real, virtuosa e santa, escolhida no céu por alta graça para milagres realizar na terra.

Jamais tive que ver com maus espíritos; mas vós todos, poluídos pelo feio pecado da luxúria, todos, tintos de sangue derramado por criaturas inocentes, sem mancha; todos, podres de infindos vícios; todos, por não serdes adornador da graça, julgais sempre que só é possível realizar milagres com a ajuda de demônios. Puro engano!

Desde a mais tenra infância Joana d'Arc virgem se conservou, imaculada nos próprios pensamentos. Se lhe o sangue virginal tão cruelmente derramades, há de ele junto ao céu clamar vingança.

**YORK** · É isso mesmo; fazei-a executar.

**WARWICK** · Senhores, atenção! Sendo ela virgem, não poupeis lenha. Ponde, junto ao poste fatal, tonéis de breu, porque a tortura, desse modo, não dure muito tempo.

**JOANA** · Nada o peito implacável vos abala? Então, Joana, revela quanto és fraca, porque possas gozar do privilégio da lei. Oh sanguinários homicidas, estou grávida! O fruto do meu ventre não podereis matar, ainda que a morte

violenta decidais ora levar-me.

**YORK** · Não o queira o céu! A santa virgem grávida!

**WARWICK** · Sem dúvida esse é o seu maior milagre.

Deram nisso, afinal, vossos escrúpulos?

**YORK** · Com o delfim ela andava emparelhada;

imaginei qual fosse o seu refúgio.

**WARWICK** · Levai-a com o bastardo. Que vale ele?

Máxime sendo o pai o delfim Carlos.

**JOANA** · Enganais-vos; o filho não é dele.

Foi Alençon que obteve o meu amor.

**YORK** · Como! Foi Alençon, esse notório

Maquiavel? Pois ainda que mil vidas

tenha, morra o bastardo!

**JOANA** · Oh! perdoai-me!

Não vos falei verdade. Nem foi Carlos,

nem o duque nomeado, mas o rei

de Nápoles, Reignier, o autor de tudo.

**WARWICK** ·

Como! Um homem casado? É intolerável.

**YORK** · Isso que é virgem! Foram tantos, que ela

nem sabe ao certo a quem acusar deva.

**WARWICK** · Sinal de que era livre e generosa.

**YORK** · Não há dúvida: é virgem, das mais puras.

Rameira imunda, condenaste, a um tempo,

teu fedelho e a ti própria. Fora inútil

procurares ainda comover-nos.

**JOANA** · Levai-me, então, daqui. Amaldição-vos.

Jamais o sol glorioso lance os raios

sobre o lugar em que vos encontrades,

envolvendo-vos sempre a noite e a triste

sombra da morte até que os infortúnios

e o desespero a todos vos obriguem

a quebrar o pescoço numa forca.

*(Sai, escoltada.)*

**YORK** · Em pedaços te faze, vira cinza,

maldito e imundo embaixador do inferno!

*(Entra o Cardeal Beaufort, com séquito.)*

**CARDEAL** · Portador de uma carta de poderes

da parte do monarca, eu vos saúdo,

lorde regente. Pois sabeis, milordes:

movidos de piedade ante o espetáculo

destas lutas sangrentas, os estados

da Cristandade com ardor pediram

que a paz fosse firmada entre a ambiciosa

França e nosso país. Já se acha próximo

daqui o delfim que vem com os do seu séquito

para tratar conosco da matéria.

**YORK** · Todo o nosso trabalho vem dar nisso?

Depois de tantos pares chacinados,

capitães, gentis-homens e soldados,

que tomaram nos campos de batalha,

imolando-se aí em benefício

da pátria, ora seremos obrigados

a concluir uma paz efeminada?

Não perdemos, por falta de lealdade,

traições e intriga, quase tudo quanto

fora ganho por nossos ascendentes?

**Warwick, Warwick!** É triste que eu prevejo

a perda, para nós, de toda a França.

**WARWICK** · York, sê calmo; que se a paz firmarmos,

há de ser com tais cláusulas, que pouco

poderão os franceses alegrar-se.

*(Entram Carlos com seu séquito, o bastardo de Orleans,*

*Reignier e outros.)*

**CARLOS** · Lordes ingleses, já que está assentado

que seja proclamada a paz na França,

viemos saber as condições do pacto.

**YORK** · Fala, Winchester, a cólera fervente

me tapa o tubo à voz envenenada,

na presença dos nossos inimigos.

**CARDEAL** · Carlos e os mais, assim ficou assentado:

que, tendo consentido o Rei Henrique,

por indulgência, apenas, e piedade,

em, dos males da guerra, vos poupar

a pátria, e em propiciar-vos melhor tempo

de paz frutuosa, ficareis vassalos

obedientes de sua potestade.

Quanto, Carlos, a ti, desde que jures

pagar tributo ao rei e a ele de grado

submeter-te, no posto ficarás

de vice-rei, sem que, por isso, em nada

se alterem tuas reais prerrogativas.

**ALENÇON** · Vai ele, então, ser sombra de si próprio?

As fronteiras adornar com uma coroa,

sem, contudo, em substância e autoridade,

se distinguir nem mesmo dos vassalos?

Semelhante proposta é absurda e iníqua.

**CARLOS** · Ninguém ignora que eu já estou de posse

de quase todo o território franco,

muito mais da metade, onde me acatam

como rei de direito. E ora é preciso

que pela renda, apenas, do que resta,

eu venha a renunciar tais privilégios,

para ser vice-rei, tão-só, da França?

Não, lorde embaixador, é preferível conservar o que tenho, com a esperança de cedo conseguir o que me falta, a abrir mão, desde já, de toda a posse.

**YORK** · És arrogante, Carlos! Por manobras secretas procuraste o meio azado para uma conferência, e ora que o assunto chegou ao ponto crítico, recorres a essas comparações e à parte ficas?

Ou o título aceitas que usurpaste, e isso como uma dádiva do rei, de nenhum modo imposta por teu mérito, ou serás castigado com mais guerras.

**REIGNIER** · Não fazeis bem, milorde, por teimoso, em criticar as cláusulas do pacto.

Aposto dez contra um que se perdermos esta oportunidade, não teremos nunca mais outra igual.

**ALENÇON** (*à parte, a Carlos*) · Para ser franco, tendes obrigação de os vossos súditos poupar de tantas perdas, tantas mortes,

quantas essas que surgem diariamente por continuar a nossa hostilidade.

Aceitai a proposta, muito embora disposto a não cumpri-la, quando virdes que o momento vos é mais favorável.

**WARWICK** · Que dizes, Carlos; servem nossas cláusulas?

**CARLOS** · Servem, sim, mas faço uma objeção: não será vossa nenhuma das cidades guarnecidas.

**YORK** · Então jura obediência a Sua Alteza; por tua posição de cavaleiro compromete-te a sempre obedecer-lhe, sem rebelde jamais te revelares contra a coroa inglesa, tu e teus nobres, contra a coroa inglesa.

(*Carlos, etc. prestam obediência.*)

Já podeis despedir vossos exércitos quando vos aprouver. Suspendei vossas insígnias; deixai mudos os tambores, que agora celebramos paz solene.

(*Saem.*)

## Ato V · Cena V

*Londres. Um quarto no palácio.*

*Entra o Rei Henrique conversando com Suffolk; Gloster e Exeter os seguem.*

**REI HENRIQUE** · Estou pasmado, nobre conde, diante do admirável retrato que fizestes da bela Margarida. Suas virtudes, realçadas por tais dotes exteriores, me deixaram de pronto apaixonado.

Como o navio que o tufão obriga, poderoso, a avançar, rompendo as ondas, arrastado me sinto pelo sopro de seu conceito a um mísero naufrágio ou a alcançar o posto em que me seja concedida a ventura de possuí-la.

**SUFFOLK** · Pois meu bom lorde, só falei por cima, nada mais que o prefácio de seus méritos.

Todas as perfeições dessa adorável criatura — se eu tivesse habilidade para vo-las expor — integrariam

um volume de linhas tentadoras que os mais duros sentidos despertaram. É o que é mais: apesar de tão divina, tão cheia de sublime encantamento, só deseja, humildosa e reverente, às ordens vir ficar de Vossa Alteza, resultado de seu pendor virtuoso, posso afirmá-lo, que ora a leva a amar-vos e a honrar-vos como a seu senhor legítimo.

**REI HENRIQUE** ·

Henrique não almeja mais do que isso. Consentí, pois, milorde protetor, que do rei da Inglaterra Margarida se torne a real esposa.

**GLOSTER** · Permitindo-o, adularia, apenas o pecado.

Vossa Alteza, milorde, não ignora que está comprometido com outra dama, digna de toda estima. Como fora possível anularmos o contrato?

Como sairá Vossa Honra de tudo isso?

**SUFFOLK** · Como um rei, quando jura ilegalmente, ou como alguém que, após o compromisso de provar-se em torneio, se afastasse do recinto da luta por ter visto que o adversário era indigno. Muito baixo se acha a filha de um conde sem fortuna.

Podemos retirar, pois, a palavra.

**GLOSTER** · Margarida que é mais do que isso, acaso? Seu genitor não vale mais que um conde, mas que tenha outros títulos gloriosos.

**SUFFOLK** · Seu pai é rei, milorde; rei de Nápoles e de Jerusalém. Goza na França de tanta autoridade, que este enlace vai servir para a paz alicerçar-nos e os franceses manter em obediência.

**GLOSTER** · O mesmo fará o Duque de Armagnac, por ser parente próximo de Carlos.

**EXETER** · Além do mais, é de esperar que dote liberalmente a filha, ao passo que o outro vai ganhar muito mais do que o que entrega.

**SUFFOLK** · Ora, milordes, aludis ao dote! Não humilheis, assim, vosso monarca, imaginando-o abjeto, baixo e pobre para escolher a noiva por dinheiro, não por amor. Henrique pode a sua rainha enriquecer, sem que precise esposa procurar que o torne rico.

É próprio só de rudes camponeses negociar as mulheres, como o fazem no mercado com bois ou com cavalos. O casamento é assunto muito sério para ser resolvido desse modo.

Não depende de nós, mas de Sua Graça, tão-somente, escolher a companhia de seu leito nupcial. Ora, milordes, se Margarida obteve a preferência, não pode haver razão que prevaleça no sentido de à escolha nos opormos.

Uma aliança forçada é puro inferno, perspectiva de lutas e discórdias, ao passo que o contrário só traz bênçãos, é imagem de ventura celestial.

Sendo rei, onde esposa Henrique achara melhor que Margarida, de real sangue? A par do nascimento, a primorosa beleza a torna digna de um monarca.

Seu espírito intrépido e indomável — como em poucas mulheres se tem visto — nos deixa esperançosos de um herdeiro digno do nosso rei, que, sendo filho de um guerreiro sem par, poderá dar-nos descendente também de igual bravura, no caso de se unir a uma senhora da energia da bela Margarida.

Se vossa for, também, a opinião minha, Margarida será nossa rainha.

**REI HENRIQUE** · Ou seja pela força da pintura, meu bom Lorde de Suffolk, que fizestes, ou pelo fato de, até agora, a minha mocidade não ter sido abalada pelas chamas do amor — não sei dizê-lo. Mas uma coisa é certa: no imo peito me encontro de tal modo dividido entre o alarma do medo e o da esperança, que me deixam prostrados os pensamentos. Por isso, embarcai logo para a França, milorde, e assinaí lá qualquer tratado, procurando que Lady Margarida consinta em empreender a travessia para a Inglaterra, a fim de ser coroada e ungida como esposa fidelíssima do Rei Henrique. Para os vossos gastos de representação, cobrai do povo o tributo do dízimo. Ide logo, vos digo, pois até que retornéis, perplexo ficarei com mil cuidados. Vós, meu tio, bani qualquer ofensa. Se me julgásseis pelo que já fostes, não pelo que ora sois, desculparíeis a brusca afirmação desta vontade. Ora me conduzi para onde eu possa, sozinho, refletir em meus cuidados.

(*Sai.*)

**GLOSTER** · Sim, cuidados, receio; agora e sempre.

(*Saem Gloster e Exeter.*)

**SUFFOLK** · Suffolk assim venceu; e, como o jovem Páris, na Grécia, outrora, ele se apronta para partir, movido da esperança de vir a achar no amor igual ventura, mas de ter melhor fim do que o troiano. Vai mandar Margarida em nosso rei; eu nela mandarei, no rei e no reino.

(*Sai.*)